

FE CRISTÃ

Edição 8, Ano 2, N° 8, julho de 2021

Revista **Digital**

A IGREJA E A CIDADE

\\ Sumário

4. Editorial

5. Devocional

7. Opinião

13. Artigo Especial

18. Ministério e Ofícios

22. Contexto

27. Contexto

31. Arte

34. Política

38. Ciência

41. Psicologia

FUNDADA EM 2020

EDITOR-CHEFE/DIRETOR DE REDAÇÃO: Marcos Motta
IDENTIDADE VISUAL: Gabriel Ferreira **CAPA:** Marcos Motta
DESIGN INTERNO: Marcos Motta **REVISÃO:** Lorena Garrucho
CONTRIBUIÇÕES NA EDIÇÃO: Equipe de colaboradores
DIAGRAMAÇÃO: Marcos Motta
PUBLICIDADE / DIVULGAÇÃO / PROPAGANDA: Equipe de colaboradores
ATENDIMENTO AO LEITOR: Marcos Motta **CONTATO:** redes sociais.

REVISTA FÉ CRISTÃ, edição 8, ano 2, nº 8, julho de 2021, é uma publicação cristã independente, interdenominacional e mantida tão somente por seus colaboradores. **EDIÇÕES ANTERIORES:** disponíveis para download no endereço eletrônico da revista. Disponíveis para pedido através de contato via redes sociais oficiais. **A REVISTA FÉ CRISTÃ** não tem fins lucrativos. Este é um material gratuito, portanto, este arquivo não pode ser vendido. O compartilhamento via redes sociais e dispositivos eletrônicos é livre. A impressão, total ou parcial, para uso pessoal ou congregacional, no caso de igrejas, é totalmente permitida, desde que, quando de uso público, a fonte do material seja citada. O conteúdo de cada coluna e/ou artigo é de inteira responsabilidade de seus autores.

revistafecrista.com

facebook.com/revistafecrista

instagram.com/revistafecrista

twitter.com/revistafecrista

A igreja e a cidade

Uma igreja pode morrer. Sim, uma igreja pode perder a vida. No entanto, é interessante notar que, no caso das igrejas, nem sempre perder a vida significa deixar de existir. Mas, às vezes, sim.

Há igrejas que perderam a vida, mas não cessaram de existir. Elas ainda têm um endereço, um CNPJ, um grupo de pessoas que se reúne sob seu nome. Todavia, o fato é que, nessas igrejas, já não há mais vida, a vida de Jesus, que Ele dá à Sua Igreja por meio do Espírito Santo.

O último ato de uma igreja

A morte de uma igreja pode ser identificada de várias formas. Talvez, a mais fácil delas, isto é, a forma mais fácil de se notar esta morte, seja quando a igreja fecha as suas portas – para nunca mais abri-las. Há igrejas com as quais isso aconteceu: certo dia, suas portas fecharam e nunca mais abriram. Na Europa, há muitos desses casos. Em determinados locais do Velho Continente, houve uma desconfiguração tão grande

nas igrejas que, com o passar dos anos, elas foram simplesmente erradicadas. Mas, não só lá – aqui, também. “Não há mais cristãos, aqui”, alguém disse.

Pense nessas igrejas. Engolidas pela sociedade. Sufocadas pela cultura. Envenenadas pelas mais diversas filosofias ímpias. Mortas à míngua pela falta de fervor. Morreram. Agora, não pense que elas morreram quando as portas se fecharam. Não. O fechar das portas foi apenas a evidência externa de algo que já havia acontecido internamente. Tais igrejas, que cessaram de existir, estavam mortas muito antes do último ato.

E isso é uma lição que deve ser aprendida: o processo de morte de uma igreja pode acontecer lentamente, de forma que as pessoas – de dentro e de fora – acabam não percebendo a moribunda definhando. E se nos demoramos a compreender que uma igreja está doente, quanto mais demoraremos para dar-nos conta de que ela está morta! Sem falar que, depois de morto, o “defunto” leva, ainda, algumas horas

para começar a exalar mau-cheiro. No entanto, certamente, chegará o momento em que isso será inevitável e todos saberão a verdade.

A igreja e a cidade

A enfermidade de uma igreja, que a conduzirá a morte cedo ou tarde, pode ser identificada quando olhamos para as prioridades dessa igreja. Ela inverteu os valores, perdeu o contato com o mundo real, desistiu de sua missão e passou a ignorar a cidade na qual está inserida.

Dedicamos esta edição de Revista Fé Cristã a você, cristão, que deseja trabalhar em favor de sua igreja, para não deixar que ela morra, e sabe que parte dessa luta consiste em trabalhar para o benefício de sua comunidade local, para a glória de Deus.



MARCOS MOTTA
Editor-chefe

Insensíveis



Henrique Vidal, 27 anos, é membro da Igreja Evangélica Assembleia de Deus, em Salvador - BA, onde é diretor de missões e ação social.

“Confessai as vossas culpas uns aos outros, e orai uns pelos outros, para que sareis. A oração feita por um justo pode muito em seus efeitos.” (Tiago 5:16)

Para Tiago, apóstolo de Cristo, a confissão de pecado, seguida de oração, pode trazer cura para a alma angustiada depois de ela ter pecado. Infelizmente, parece que essa benção está retida na igreja, visto que existem muitos irmãos doentes, fracos, cabisbaixos, e o motivo para isso tudo é o fracasso na luta contra o pecado.

Há alguns anos, me lembro de um jovem ao qual eu estava discipulando. Ele estava se distanciando da congregação,

triste, se escondendo de todos. Fui até ele e perguntei-lhe o que estava acontecendo. A resposta foi simples: pecado!

Pois bem, esse jovem confessou a mim detalhes de sua luta contra o pecado. Na ocasião, mostrei a ele, nas Escrituras, que ele deveria permanecer na Graça, e não fugir, afinal, sem a Graça, não há como desfrutar do perdão e ser livre da culpa — é engano achar que, devido aos pecados cometidos alguém terá, agora, que ficar distante Deus. Isso é remar para o rio do tormento!

É preciso reconhecermos que nem todos aqueles que estão lutando contra o pecado, como o jovem citado, têm alguém para confessar as suas culpas. Isso é danoso.

Nas Escrituras, podemos observar que um salvo que guarda em silêncio seus pecados, dentro em pouco passará por um quadro

deprimente! Vejamos o exemplo do Salmo 32:

“Quando eu guardei silêncio, envelheceram os meus ossos pelo meu bramido em todo o dia. Porque de dia e de noite a tua mão pesava sobre mim; o meu humor se tornou em sequeidão de estio.” (Salmos 32:3,4)

Não é estranho que tenhamos tantos irmãos tristes, sem que saibamos ou entendamos o motivo para tal? Eles estão empregados, alguns casados, fazendo faculdade, noivos, fazendo o que gostam, vão à igreja, mas estão tristes!

Davi, por não confessar seu pecado, por um momento, não deixou de se sentar em seu trono. O problema é que Deus não estava sentado no trono do coração de Davi, e sim o pecado. Onde o pecado reina, ele exige silêncio, e traz escuridão para a alma.

Essa é a realidade daqueles que guardam em silêncio os seus

pecados. O pecado está reinando no coração deles. Exigiu silêncio, e proibiu visitas. Eles se distanciam das pessoas porque temem que seus pecados sejam expostos. Se confessarem os seus pecados para “a pessoa errada”, serão condenados, e os pecados serão expostos de uma forma vergonhosa. É isso que temem: o julgamento do público, o cancelamento na igreja, os olhares de condenação!

A verdade é que na igreja, quando o assunto é pecado, poucos sabem lidar com isso. A igreja — instituição, não a Igreja de Cristo — está cheia de pessoas “santas” demais, que não são capazes de ouvir sobre as fraquezas dos outros. Alguns estão torcendo para que aquele irmão que é tão dedicado ao Reino tropece, para que finalmente possam dizer: “ué, este(a) não era a pessoa de confiança do pastor? Pelo visto era apenas uma capa, um disfarce”.

Você pode achar isso um absurdo, algo raro de se acontecer, mas eu mesmo já vivi isso. Eu sei o que é ter irmãos acompanhando cada passo que você dá, na ânsia de ver você se tornar um fora da linha. São insensíveis, carnaís,

com espírito faccioso, sem afeto, nuvens sem água, manchas na Ceia. São prejuízos para o Reino de Deus. É por causa destes que há muitos morrendo em silêncio. Perdendo suas batalhas contra o pecado, porque não há alguém para quem eles possam confiar seus pecados. Não há quem use o escudo da fé, a fim de lhes proteger o peito da lança do acusador.

Há um bálsamo para você meu irmão(a), que pode curar as feridas da sua alma, provocadas pelo pecado: Cristo expiou os seus pecados. Não faça como Adão que se escondeu depois de ter pecado. Vá a Cristo e confesse suas culpas, seus medos, seus terrores. Você precisa abrir a janela do seu coração e deixar que a luz da Graça dissipe as trevas do pecado. Deixe que a Graça ponha um cântico novo em seus lábios. O Espírito de Deus vai restaurar em você a alegria da Sua salvação.

Deus não abandona os Seus filhos. Foi Ele quem disse em Sua Palavra:

“Nunca o deixarei, nunca o abandonarei.” (Hebreus 13:5)

Seja corajoso e confesse suas culpas a Deus. Ainda no Salmo 32, no verso 5, lemos:

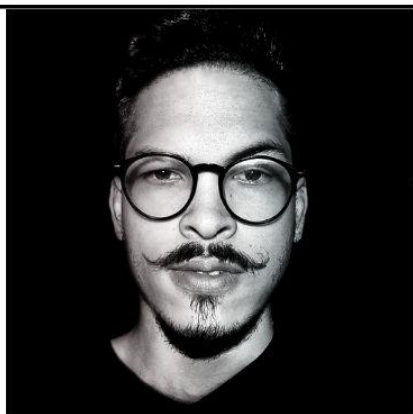
“Então, reconheci diante de ti o meu pecado e não encobri as minhas culpas. Eu disse: ‘Confessarei as minhas transgressões ao Senhor’, e tu perdoaste a culpa do meu pecado.”

O Sacrifício feito há dois mil anos é suficiente para lhe purificar de todos pecados. Para apagar as transgressões, para lhe dar a alegria de um salvo!

Depois disso, você poderá ser uma benção também. Ser cura para outras almas feridas, que não têm alguém para quem podem confiar suas lutas. Você poderá estender as mãos para que aqueles que estão caídos recebam forças para levantar. Você poderá orar pelo fraco, ser o ombro de apoio que aqueles que estão aleijados espiritualmente necessitam. Seja o meio que Deus usará para levantar a muitos!

Que Deus em Cristo lhe abençoe!

A liberdade de culto e o STF



Wallas Pinheiro cursa licenciatura em Filosofia. É designer e tradutor da Editora Caridade Puritana. Membro da 2ª Igreja Presbiteriana de Linhares - ES, é casado com Samira Pinheiro.

Que tipo de análise faremos?

Neste texto, não está sendo proposta uma análise propriamente jurídica do caso. Há muitos irmãos que já fizeram esta análise e foram muito mais bem-sucedidos do que eu mesmo poderia ser, pelo simples fato de que eu não atuo na área do Direito, especificamente. Contudo, isto não significa desconhecimento e falta de entendimento das bases sobre as quais o Direito deve atuar. As bases pressupostas neste artigo são as que se encontram na noção bíblica de Direito, extraída dos Dez Mandamentos e dos textos que os expandem em sua

penologia e nas divisões administrativas que as próprias Escrituras ensinam – divisões estas conhecidas por algumas pessoas como “*Esferas de atuação*” ou “*soberania*”.¹

Diante disso, dividimos o assunto em algumas breves partes: [1] As Escrituras e a Aliança – a distinção das esferas em Kuyper, [2] os Puritanos e o poder administrativo da Igreja e do Estado, [3] a resposta bíblica e [4] a sabedoria para não se gritar a liberdade.

Assim, a resposta à atuação do *STF* passará por dois crivos: um histórico e outro bíblico, tendo sua resposta definitiva no final, a conclusão; além de alguns conselhos práticos que devem ser considerados diante

de qualquer decisão que o STF venha a tomar.

As Escrituras e a Aliança – a distinção das esferas em Kuyper

Abraham Kuyper (1837-1920) trouxe um conceito que em sua época pareceu revolucionário:

*“... de que o mundo deve ser dividido em três esferas de soberania básicas: o Estado, a Sociedade e a Igreja.”*²

Diante dessas esferas, se pressupunha que há certos limites que não podem ser transgredidos. Toda a atuação estatal é incluída nesta esfera soberana do “Estado”, em todos os seus poderes, (o que, no nosso caso, se constitui Executivo, Legislativo e Judiciário). Isso pareceu uma perfeita divisão dos poderes, principalmente para quem

¹ A noção de “Esfera” foi popularizada por **Abraham Kuyper**, que terá seu espaço dentro da proposta deste artigo. Contudo, optamos pela

“Divisão Administrativa”, por uma questão da ênfase que é nossa intenção propor neste texto.

² **KUYPER, Abraham. Calvinismo.** 1. ed. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2002.

viveu logo após Kuyper, pois o século XX foi cheio de atuações estatais indevidas, supressão religiosa e afins. Essa divisão de esferas criaria ordem e sentido contra o caos do novo século.

As Escrituras, evidentemente, parecem reforçar essa perspectiva, com um ponto a acrescentar: *a relação política com o povo é de aliança*. Isso quer dizer que toda autoridade está no poder por uma razão “aliancista”. E alianças são, nas Escrituras, feitas com apresentação, juramentos, bênçãos (na preservação da aliança) e maldições (na quebra dela).³ E é justamente esta relação que existe entre o Estado e o povo.⁴

Infelizmente, em Kuyper, essa distinção e clareza foi falha, razão que levou Philippus Jacobus Hoedemaker a escrever uma refutação a ele.⁵ Além disso, um dos maiores mestres neste assunto de sua época, George Gillespie (1613-1648), já havia feito mais ou menos as mesmas distinções

que Kuyper, de modo mais fiel à “Tradição Puritana” e com o cuidado para que o Estado não tivesse nenhuma chance de crescer indevidamente – algo que o *kuyperianismo* não conseguiu lidar muito bem.

Mas as perguntas que surgem são: *o que são essas esferas e quais exemplos delas?*

É relevante observar que desde Êxodo 18.21-26 vemos se formar uma estrutura jurídica administrativa, algo bastante semelhante à nossa atual estrutura de instâncias, cada uma com o objetivo de agilizar a justiça, e não cansar o povo com aqueles julgamentos intermináveis (Êxodo 18.18). Fica claro, no livro de Levítico, que esta estrutura é separada da sacerdotal, algo que também fica evidente quando vemos que o rei é a última instância, julgando casos que as inferiores não conseguem (1 Reis 3.16-28); o rei, porém, não pode oferecer sacrifício como sacerdote (2 Crônicas 26.17-19), sendo isto inviolável, ou, de outro modo, uma divisão

sagrada instituída por Deus desde o Antigo Testamento. É importante notar: é uma distinção *administrativa sagrada* que separa o governo da igreja.

Parece-nos que isso não responde o porquê de o STF poder ou não ordenar o fechamento de igrejas – ou a proibição dos cultos. Mas, apenas parece. Como deve ser evidente, a estrutura bíblica separa de tal modo os poderes eclesiásticos dos civis,⁶ que a violação da linha divisória é pecado. A violação da divisão administrativa (ordenar ou autorizar o fechamento de igrejas) é, por si só, a quebra da linha que separa a administração do Estado da administração da Igreja.

E por que há esta divisão? Voltemos ao aspecto da aliança. Quando um governante é empossado, ele faz uma aliança⁷ com os representantes do povo (2 Samuel 5.3). Ignorar ou pular o ato formal é em si uma violação da aliança tanto

³ Gary North, em seu livro *Conspiracy in Philadelphia: Origins of the United States Constitution*, trata em detalhes a composição de uma aliança e demonstra, de modo prático, como ela é explicitada em uma Constituição (quer seja em nome do Deus Trinitário ou de alguma deidade inventada pelo homem).

⁴ Todo o livro de **Deuteronômio** é escrito neste sentido. Porém, mais especificamente, os Dez Mandamentos são um exemplo mais curto e direto, tendo a apresentação do poder soberano, as ordens e

juramentos, e maldições e bênçãos no seu contexto.

⁵ HOEDEMAKER, Philippus Jacobus. *Article 36 of Belgic Confession Vindicated Against Dr. Abraham Kuyper. A Critique of His Series on Church and State in Common Grace*. Wordbridge Publishing, 2019.

⁶ Não se pode confundir o poder eclesiástico com o religioso *per se*. Todo governo tem uma base religiosa e é, em última instância, dirigido por esta base que é corretamente interpretada pela igreja (não no

sentido Católico Romano). Assim, o Estado, por mais que tenha um poder separado, não é independente da igreja, porém, não podendo nem a igreja exercer as funções do Estado (o uso da espada) e nem o Estado as funções da igreja (o poder das chaves).

⁷ O termo תַּחֲוֵי (ba·rîṭ) é traduzido corretamente na versão ARA, mantendo o sentido de “*aliança perante o Senhor*”, e não simplesmente um acordo verbal qualquer.

quanto fazê-la em nome de outro deus. A aliança é própria do ofício, por isto a Nova Aliança só pode ser feita por Cristo, cujo ofício é triplo (Sacerdote, Rei e Profeta) abolindo o modelo antigo e instituindo um “novo”. Quando um sacerdote (ou pastor) faz uma aliança com sua congregação, a aliança dele é relacionada ao seu ofício, isto é, de pastor, não podendo por isso pegar uma arma e usá-la para julgar criminosos.

É importante entender que, sem uma aliança e sem juramentos, um governo é somente uma revolução; com aliança e com juramentos explícitos para uma divindade outra, o governo é apenas um “governo humano” que contraria a Deus e sua Palavra.

A aliança, neste caso, é a formalização do governo sob o poder de Deus, o que faz parecer, em primeiro momento, uma violação da *esfera* de poder do Estado – mas como ficará evidente, não é. Por esta falta de perspectiva no Dr. Kuyper, às vezes a “esfera” do Estado se sobressai em relação às outras e vice-versa, não sendo muito clara a distinção. Além disso, o termo “esfera” (*kring*, em holandês) não diz muito, pois ele apenas desenha um círculo em volta de uma instituição, não dizendo o *que* é de competência

administrativa dela. Ao invés de avançar no tempo, a resposta deva retroceder, voltando aos puritanos.

Os Puritanos e o poder administrativo da Igreja e do Estado

O puritano George Gillespie (1613-1648) escreveu um livro chamado *Aaron's Rod Blossoming: Or The Divine Ordinance Of Church Government Vindicated* (em tradução livre: *O Florescimento da Vara de Arão: ou a Ordenança Divina do Governo da Igreja Reivindicada*). Numa sessão deste livro, ele argumenta que estabelecer “*dias, horas, lugares, jejuns e coisas semelhantes*” é algo de direito somente da Igreja como tal; por outro lado, a proteção dos bens, corpo (no sentido de ataque por outra pessoa) e ao bom nome de alguém pertence ao governo civil.

Mas, Gillespie não foi único nessa defesa: Samuel Rutherford e outros puritanos mantiveram essa noção rígida de divisão administrativa entre Igreja e Estado.

Essa força do puritanismo é tão evidente que, mesmo os criadores da Constituição dos EUA sendo deístas e tornando o povo soberano (ao invés de Deus), sofreram dessa influência que denota a diferença entre os poderes

administrativos criados por Deus.

No puritanismo, como se encontra essa divisão administrativa em Deus? Ora, segundo Gillespie, encontra-se na própria natureza de Cristo. Primeiro, em Cristo como Filho de Deus e depois em Cristo como Mediador. Cristo como Filho, é Rei Eterno, tendo Seu reino sobre os governos estabelecido, como pode se notar no Salmo 2. Por outro lado, em relação à Igreja, o reino de Cristo é de Mediador, reino esse que Ele entregará ao Pai (1 Coríntios 15.24,25). Este reino, por ser de sua mediação, precisa ter administração diferente, sem a confusão com seu reinado como Filho.

Mas, aqui caberia uma pergunta a Gillespie: e quando um crente matar ou furtar, como ambas as administrações se combinam sem que uma atrapalhe a outra? A resposta dele é de que, estando ambas sob o poder de Cristo, em uma é necessária a pena de morte ou restituição (pela filiação de Cristo), enquanto na outra a exclusão ou disciplina (pela mediação de Cristo). Dessa forma, uma e a mesma pessoa pode receber a pena dos dois reinados de Cristo, sem que um se confunda com o outro em sua administração (assim como as naturezas de Cristo).⁸

⁸ Outros exemplos que encontramos em Gillespie é a própria noção dos sacramentos. À Igreja é ordenado o

ato de distribuir a Ceia e o Batismo para os membros do seu corpo; ao Estado, entretanto, isso não é

permitido, de forma que nele se exige os juramentos e obediência sob Deus.

Ainda que o Estado possa aconselhar a Igreja, como fazia o imperador Constantino, tal correlação do Estado para com a Igreja não pode passar disso. Por outro lado, a Igreja, por deter a raiz (as Escrituras) de toda a noção moral e correta, deve ser consultada pelo Estado no entendimento da Escritura – assim entendiam os puritanos.

É de se observar que, em geral, os puritanos (principalmente os presbiterianos) tiveram em sua mente forte separação entre Igreja e Estado, tornando qualquer obrigação para se fechar a igreja vinda do Estado, no mínimo, algo pecaminoso – não podendo passar de aconselhamento, no máximo.

A resposta bíblica

Tendo observado algumas das possibilidades interpretativas da divisão entre Igreja e Estado (sendo isso apenas um brevíssimo recorte do assunto), precisamos encarar de frente o texto bíblico.

Já vimos que o Dr. Kuyper não tinha uma resposta à altura; primeiro, pela falta de noção de aliança e – depois – por ter criado a noção de esfera soberana, que acaba por atrapalhar um pouco a noção de “esfera administrativa”⁹

que temos apresentado até aqui.

Como também ficou evidente, vimos brevemente que há textos bíblicos, mesmo no Antigo Testamento, que apontam para a direção de uma dupla administração, tanto em relação ao Estado, como em relação à Igreja. Mas, isso não acabou por aí: vimos que os puritanos, a partir do duplo reinado de Cristo, também faziam distinção entre uma administração e outra. Dessa forma, temos a divisão entre Estado e Igreja fundamentada em duas coisas: a primeira, na *natureza* mesma de Deus em Cristo; a segunda, que é fundamentada nas categorias que Deus criou para a realidade – que por si só já se fundamentam em Sua Natureza.

A questão que surge é se tudo “acaba aqui”. A verdade é que não. Não só a administração das duas instituições é separada, mas seus deveres e o que preservam também. Enquanto o Estado tem a obrigação de usar a espada (Romanos 13.1-7) para punição/restituição referente aos malfetores, a Igreja precisa usar as “chaves” para ligar e desligar. Ora, onde está a administração da saúde? Como você deve ter notado, o motivo que tem levado tanto o STF quanto os estados a debaterem a liberdade

religiosa não é a liberdade *per se*, ou a simples noção de divisão entre Igreja e Estado, mas sim a saúde e a preservação da vida. Se antes o Estado preservava a vida negativamente reprimindo aos opressores e maus, agora, a questão é se ele deve preservá-la positivamente, criando ordens que ultrapassem sua competência administrativa.

Nem Kuyper, nem os puritanos, parecem ter lidado com essa questão de forma extensa, talvez porque nunca tenham tido a necessidade de pensar sobre o problema – mesmo no contexto da Peste Negra. Isso nos dá certa “originalidade” de contexto que precisamos tratar a partir do que foi entendido até aqui. A pergunta certa a ser feita, portanto, não é se o Estado ou a Igreja precisam abrir mão de sua liberdade, mas à qual classe pertence a ordem médica (ou se ela seria uma terceira classe). Se a classe médica pertence ao Estado, a ordem de preservação da saúde se torna um problema intrincado, pois sua ordem para o fechamento das igrejas pode ser uma forma legítima de o Estado preservar a vida, positivamente. Mas, se a ordem médica pertence à Igreja, isto é, à sua administração, então está subordinada a ordem eclesiástica, não podendo o Estado ordenar aos pastores o

⁹ A crítica a este ponto está além da proposta deste artigo e, por isso, evitaremos tratar a fundo do mesmo.

fechamento da igreja. E se for um poder separado, como ela pode responder aos outros dois poderes?

Em Levítico, temos uma formulação de cuidados médicos estipulada por Deus, e nessa formulação veremos a quem pertence a responsabilidade. No capítulo 13, Deus ensina como se deve tratar uma doença transmissível, a saber, a lepra. Essa doença (hoje, costumeiramente chamada de hanseníase) nem sempre é visível, podendo uma pessoa (ou um grupo) tê-la sem sequer saber que a possui como doença, além de, às vezes, ser recorrente em algumas pessoas, com o mesmo indivíduo apresentando ela uma, duas ou até três vezes.

A quem Deus ordena, então, que cuide do doente? A Moisés e, portanto, ao governo “secular” ou a “Arão e os sacerdotes” e, portanto, ao poder (explicitamente) religioso? O versículo 2 do capítulo 13 de Levítico responde: à casa de Arão. Porém, tendo o antigo sacerdócio aarônico sido extinto, não teria essa responsabilidade passado para o Estado? Não, de modo

algum. No Novo Testamento, vemos que, mesmo o médico Lucas, permanece sob cuidado e atenção da Igreja, recebendo suporte dela para atuar como médico (primeiramente para ela, claro). Como a ordem médica não se concentra mais na pessoa do sacerdote, ela está livre para ser exercida por qualquer pessoa, o que não quer dizer que ela passou a ser de responsabilidade do Estado, que continua a existir no Novo Testamento – assim como a Igreja.

Como Deus ordena, então, que se cuide do doente? No mesmo texto o sacerdote-médico isola o indivíduo (versículo 4) por sete dias, tendo uma segunda visita no término deste último dia, para decidir se o isola ou não por mais sete [dias]. É relevante que, mesmo sabendo-se que a pessoa poderia ter a doença “escondida”, ninguém mais era isolado e nenhuma instituição era fechada, a menos que todos nela estivessem infectados – o que seria muito raro. Observe que, como a instituição sacerdotal foi abolida, os rituais foram abolidos juntos, o que não quer dizer que a administração médica o foi – afinal,

continuam a existir médicos no Novo Testamento.

Assim, temos alguns princípios extraídos do texto bíblico: primeiro, que a ordem médica pertence à administração da Igreja;¹⁰ segundo, que essa ordem só pode cuidar de indivíduos, jamais de grupos; terceiro, que, pertencendo à Igreja, nenhum médico tem poder para contrariar as autoridades locais; e quarto, que sendo pertencente à igreja, o Estado fica impedido de estabelecer ordens de “saúde” a esta, já que a ordem médica se submete (ou deveria se submeter) à Igreja.

A sabedoria para não se gritar a liberdade

A liberdade de culto já está presente em nossa Constituição, separando a Igreja do Estado administrativamente. Em um artigo sobre o Direito à Liberdade Religiosa, o advogado Leonardo Garoze expôs que, diante da CF atual, não há motivo para o fechamento das Igrejas, sendo dever do STF atuar como guardião da liberdade religiosa, não podendo embarçar a liberdade de culto.¹¹ Mas, tendo garantias

¹⁰ Não é raro vermos que os hospitais, no passado, eram todos (ou quase todos) fundados por denominações religiosas. Inclusive, o próprio nome “hospital” vem da noção bíblica de hospitalidade, e foi uma evolução natural das Basílicas (literalmente “Reino”, porém, procede do nome de

Basílio, de Cesaréia), nas quais os doentes eram cuidados pela igreja. O fato de não se ter algo sistematizado, escrito e trabalhado teologicamente sobre essa relação entre Igreja e Medicina não aponta contra o que temos defendido, já que a prática da Igreja durante os séculos segue

justamente provando o que argumentamos.

¹¹ GAROZE, Leonardo Prote. *O Direito à Liberdade Religiosa*. Site da 2ª Igreja Presbiteriana de Linhares - ES, 2021. Disponível em <https://ipb2linhares.com/2021/02/2>

bíblicas e constitucionais, o que devemos fazer?

Não há a necessidade de se “gritar” a liberdade – não durante este período de pandemia. Algumas coisas precisam de silêncio temporário, pois, para aqueles que gostam de mostrar a todos sua liberdade, há um risco maior de perdê-la, visto que o foco de todos se torna, justamente, aquilo pelo que se está lutando. Isso não é deixar de lutar, mas sim escolher um momento mais propício para essa luta.

De outro modo, o aparente conflito atual entre a liberdade de culto e os deveres sanitários ficará mais evidente quanto mais barulho se fizer sobre isso, chamando a atenção de mais pessoas e forçando-as a formarem opiniões em momentos de forte tensão – como o atual, o que pode gerar uma confusão das coisas que de outro modo seriam tratadas com muito mais tranquilidade e equilíbrio.

O fato é que tendo a verdade das Escrituras a favor dos crentes, nem ao menos a

Constituição poderia ser suficiente para romper contra a verdade, visto que a obediência a Deus antecede e se sobrepõe à obediência a “César” – tal obediência pode ser silenciosa até onde “César” permitir, sempre com temperança e tranquilidade, para evitar que, diante de falsas acusações, os descrentes ainda tenham acusações verdadeiras contra os crentes. A verdade não vence corações simplesmente pela força.

A Igreja e a Cidade

Uma introdução bíblico-teológica para a formação de uma comunidade missional



Diego Bitencourt é pastor da Calvary Campo, em Campo Mourão - PR, e presidente do Calvary Impact Hub. Casado com Aline Bitencourt, é pai do Noah e do Gael. Doutorando em Teologia.

“Assim diz o Senhor dos Exércitos, o Deus de Israel, a todos os exilados, que deportei de Jerusalém para a Babilônia: Construam casas e habitem nelas; plantem jardins e comam de seus frutos. Casem-se e tenham filhos e filhas; escolham mulheres para casar-se com seus filhos e deem as suas filhas em casamento, para que também tenham filhos e filhas. Multipliquem-se e não

diminuam. Busquem a prosperidade da cidade para a qual eu os deportei e orem ao Senhor em favor dela, porque a prosperidade de vocês depende da prosperidade dela.” (Jeremias 29:4-7)

Missionalidade

Ao falarmos sobre o que significa ser uma igreja missional, talvez a primeira distinção necessária seja entre a missão de Deus e a missão da igreja. Ou, mais do que isso, talvez seja necessário distinguirmos a missão (singular) de missões (plural). O fato é que a primeira possui proeminência sobre a segunda, pois a “missio Dei” é a missão do Deus trino, que deve, então, se tornar a missão da igreja. Portanto, em essência, não é a igreja que tem uma missão, mas a missão que tem uma igreja. Como já dito, no passado, a missio Dei consiste no Pai enviando o Filho, o Filho enviando o Espírito e o Pai e o Filho enviando a igreja através do poder do Espírito Santo.

Ou, nas palavras de Newbigin,

“Enquanto missão é o chamado total da igreja em tornar conhecido o evangelho ao participar da missão de Deus, missões consistem no empreendimento particular na missão total da igreja que ‘possui a intenção primeira de trazer à existência a presença cristã em um meio onde previamente não havia tal presença ou onde tal presença era ineficaz’.”¹²

A igreja missional é a igreja que compreende que não apenas deve enviar pessoas de modo a realizar missões transculturais, mas que a igreja em si mesma já foi enviada por Deus a um mundo caído e desesperado. A igreja missional é a aquela que compreende que cada discípulo de Jesus é um agente missionário na cultura, “*assim como o Pai me enviou, eu os envio*”. (João 20:21).

Ao refletir sobre a igreja, Lesslie Newbigin faz uma

¹² Lesslie Newbigin. *Crosscurrents in Ecumenical and Evangelical Understanding of Missions*

(International Bulletin of Missionary Research 6, no. 4 1982) Pg 149.

distinção fundamental entre dimensões missionais e intenções missionais,

“Porque a igreja é a missão, há uma dimensão missionária em tudo o que a igreja faz. Mas nem tudo que a igreja faz possui uma intenção missionária”.¹³

Outro aspecto crucial para a igreja missional é a encarnação do evangelho. A melhor maneira de proclamar o evangelho na esfera pública é simplesmente vivê-lo. Nossas vidas, tanto individualmente, quanto comunitariamente, devem despertar o interesse das pessoas ao nosso redor e suscitar questionamentos. O povo de Deus deve viver de tal maneira que se torne um prelúdio do mundo restaurado que ainda há de vir em plenitude. É uma nova ordem de vida, num novo ser, mesmo em meio a um mundo saturado de pecado e maldade. A igreja é uma comunidade de hospitalidade em uma cultura de egoísmo, de generosidade em um mundo ganancioso, amorosa em meio a uma cultura de ódio. E essas coisas, podem acontecer através da vida comunitária dos discípulos de Cristo e através do poder do Espírito.

A igreja missional é a igreja que opera para além do clero e entre os domingos. Se de fato cremos no senhorio de Jesus Cristo em todas as áreas e

esferas de nossas vidas, viveremos nossas vocações em quaisquer lugares, incluindo nossos lares, universidade e mercado de trabalho. Quando nós, cristãos, compreendermos e retomarmos nossa vocação missional fundamentada na história bíblica, seremos, então, capazes de cumprir plenamente a missão de Deus através de nossas histórias.

O papel da exegese cultural como apoio à missionalidade

Em seu livro, *Plantando Igrejas Missionais*, o missiólogo norte americano Dr. Ed Stetzer, declara que, “viver de modo missional é ser missionário sem mudar o CEP”, bem como, em outra obra, Philip Sampson declara:

“Missional descreve não uma atitude específica da igreja, mas a própria essência da igreja à medida que ela assume seu papel na história de Deus no contexto de sua cultura e participa da missão de Deus para o mundo”.

Entendemos que, para vivermos de modo missional comunitariamente e sermos uma igreja para/com a cidade, uma coisa é fundamental, a exegese cultural. Isto é, uma compreensão sobre a cultura em que estamos inseridos, sobre os valores que moldam essa cultura, e para onde ela aponta. É esse o apelo

proposto pelo apóstolo Paulo em sua carta aos Romanos:

“Portanto, irmãos, rogo-lhes pelas misericórdias de Deus que se ofereçam em sacrifício vivo, santo e agradável a Deus; este é o culto racional de vocês. Não se amoldem ao padrão deste mundo, mas transformem-se pela renovação da sua mente, para que sejam capazes de experimentar e comprovar a boa, agradável e perfeita vontade de Deus.” (Romanos 12:1-2)

À luz do evangelho, o que parece estar implícito na sua fala é, que não sejamos conformados por esse mundo (em nosso modo de agir) e que permitamos que todo o nosso ser seja renovado a partir de uma consciência do evangelho (em nosso modo de pensar). E que se fizermos essas duas coisas, isto é, dizer *não* à idolatria e *sim* para o evangelho, perceberemos o evangelho ocupando todas as áreas da existência.

“Mundo”, aqui, para o apóstolo Paulo, significa “uma cultura moldada pela idolatria”. É como se ele estivesse dizendo: “Vocês vivem em uma sociedade completamente moldada pela idolatria” (Império Romano). O problema é que naquela época, a maioria dos ídolos possuía nome e rosto. Já os ídolos da nossa cultura são, por vezes, imperceptíveis. Mesmo

¹³ Lesslie Newbigin. *One Body, One Gospel, One World: The Christian Mission Today* (New York:

International Missionary Council, 1958), Pg 43-44.

assim, moldam nossa maneira de pensar e agir. Precisamos estudar e compreender a cultura e interpretá-la à luz das Escrituras, pois esta é a única maneira de não sermos conformados a ela.

Como afirma o pastor e teólogo americano, Rev. Timothy Keller,

“Se a igreja não pensa muito sobre a cultura - sobre os aspectos bons, ruins ou indiferentes em relação à Bíblia -, seus membros absorveram [de maneira indiscriminada] os valores da cultura. Eles vão assimilar a cultura, apesar das intenções contrárias.

A cultura é complexa, sutil e inescapável. Se não pensarmos deliberadamente sobre nossa cultura, simplesmente nos conformaremos a ela sem nem perceber o que está acontecendo.”

Creemos que a resposta à angústia humana sempre estará no evangelho, mas, quais perguntas nossa sociedade está fazendo HOJE? Como responderemos, por exemplo, ao número crescente de suicídios entre adolescentes e jovens? Como lidamos com um país que lidera o ranking mundial de ansiedade, com 9,3% da população brasileira (18,6 milhões), segundo dados da OMS, sofrendo desse mal? Quais serão as respostas fundamentalmente bíblicas que daremos à cada vez mais crescente e já instalada polarização política em nosso

país? Como respondemos de modo bíblico, inteligente e amoroso, às pautas identitárias?

Como afirmou o teólogo suíço Karl Barth, *“é preciso segurar numa mão a Bíblia e na outra, o jornal”*. E, talvez, uma das melhores maneiras de compreendermos a cultura é simplesmente recontar a história.

O panorama histórico-cultural e o entendimento de como a igreja perdeu sua identidade missional através da história

Nos três primeiros séculos, os cristãos viviam como estrangeiros. Não havia distinção entre vida cristã e missão, caminhada com Cristo e discipulado. Estudava-se doutrina para capacitar um povo distinto moldado pela história bíblica.

Já no século quarto, Constantino supostamente se converteu, e em 391 d.C., Teodósio tornou o cristianismo a religião oficial do império. A igreja passou de marginal à dominante, de fraca à poderosa, de inferior a superior. E se iniciou, então, um período de união da igreja com o Estado, período este para o qual damos historicamente o nome de cristandade.

A cultura se torna “cristianizada”, o que fez a igreja perder a percepção de ser uma comunidade distinta

encarnando uma história alternativa. A partir de então, o paradigma da evangelização mudou completamente, afinal, todos passaram a se identificar como “cristãos”.

O cativeiro cultural da igreja no pós-iluminismo

A cristandade histórica termina no século 18, com o iluminismo, que surge, para oferecer uma visão alternativa da vida pública, baseada em um humanismo racionalista. A fé se move da esfera pública para a vida privada (veja as universidades, hoje, por exemplo). O credo do iluminismo era de certa maneira: “fé no progresso pelo esforço humano por meio da ciência e da tecnologia”. Ou, como afirmou Richard Tarnas, *“O ocidente perdeu sua fé cristã e encontrou uma nova, na ciência e no homem”*.

Diante disso, a igreja assumiu um novo lugar e aceitou um novo papel na esfera privada, de modo que, para muitos, a igreja no pós-iluminismo se tornou uma entidade que oferece aos seus membros um relacionamento individual e pessoal com Deus, o que resultou de uma resposta voluntária ao evangelho. O paradigma se tornou, portanto,

“uma sociedade que oferece uma salvação além-mundo e totalmente futura membros individuais interessados e que pode ainda ajudar a formar os

*princípios morais de seus membros e satisfazer suas necessidades religiosas”.*¹⁴

O que acabou por gerar três questões centrais:

1) Uma visão privatizada do evangelho e da igreja. Ao invés de enxergar o evangelho como verdade pública e a igreja como a nova humanidade.

2) O mito da cultura neutra. Cristãos geralmente não acreditam que a cosmovisão que formata a cultura ocidental não é religiosa.

3) Um choque e/ou embate de crenças religiosas abrangentes (bíblica e cultural). Ambas demandam nossa servidão, ambas nos formam com diferentes categorias de crenças religiosas.

Isso não é algo abstrato ou meramente filosófico, pois os cristãos de fato vivem entre duas comunidades: a comunidade do reino e a comunidade cultural. Grande parte dos cristãos não sabem quais são as crenças da nossa cultura, e não percebem o poder de nos formatar que ela tem. O Evangelho, por sua vez, é abrangente e visa moldar todas as áreas da vida: arte, educação, economia, política, esportes, negócios...

O papel da pregação missional enquanto formadora dessa comunidade

Uma das áreas que certamente mais moldará a comunidade é a pregação. Os desafios para uma pregação missional não são poucos. Grande parte das pregações endereçadas ao homem pós-moderno:

a) são profundamente individualistas;

b) não passam de conselhos para indivíduos usando um livro que deseja formar um povo;

c) são muito abstratas e não contextualizadas. E isso, quando não são simplesmente teologicamente superficiais e meramente terapêuticas, ao invés de pedagógicas.

O que seria então uma pregação missional?

“Ela é centrada no texto, portanto, expositiva. Ela é centrada na história da redenção – é, portanto, cristocêntrica. Ela é centrada na missão, logo, missional. Permita-me definir a pregação missional em 6 partes:

1) A exposição do texto bíblico;

2) Desempenhada por uma testemunha de Cristo;

3) A partir de uma hermenêutica missional - governada pela Missão de Deus, a saber, a grande história da redenção: Criação; Queda; Redenção; Consumação;

4) Que encontra seu clímax na Pessoa e Obra de Jesus Cristo;

5) E é aplicada ao coração do ouvinte em seu contexto específico;

*6) Para que, sob a ação do Espírito Santo, o ser humano seja transformado (convertido) pelo poder do Evangelho para seu encontro missionário com o mundo.”*¹⁵

No entanto, antes de tudo, o que, aqui, estamos chamando de pregação missional, prescinde fundamentalmente de um olhar para o todo da vida a partir das lentes do *teodrama*, a grande história bíblica.¹⁶ Tal como uma peça épica, essa história é revelada através de seis atos progressivos:

- Criação,
- Queda,
- Restauração Iniciada,
- Restauração Cumprida,
- Missão da Igreja e
- Restauração Completada.

A linguagem usada é a linguagem do Reino. Portanto, uma outra maneira de contar a

¹⁴ Fala do Prof. Dr. Michael W. Goheen, no Projeto Timóteo, Campinas-SP, 2019.

¹⁵ Eu e o Rev. Giuliano Coccaro estamos trabalhando conjuntamente

para o desenvolvimento de um material/curso com ênfase na pregação. Desenvolvendo sobretudo o conceito de uma pregação

missional. Portanto, em alguns momentos farei citações diretas.

¹⁶ Diego Bitencourt e Giuliano Coccaro.

história, nas palavras do Dr. Michael W. Goheen, seria:

(1) Deus Estabelece o Reino - Criação; (2) Rebelião no Reino - Queda; (3) O Rei Escolhe Israel - Restauração Iniciada; (4) A Vinda do Rei - Restauração Cumprida; (5) Tornando Conhecidas as Notícias do Rei - A missão da igreja e (6) O Retorno do Rei - Restauração Completada.

“A história humanista secular tanto em suas formas marxistas e capitalistas relegam a religião às esferas privadas e espirituais... a Bíblia se recusa a ser categorizada como religiosa nesse sentido estreito; ela declara ser a verdade pública para todos os povos em todos os tempos.”¹⁷

Resultado: tensão dolorosa, encontro missionário com a cultura e testemunho fiel

Uma vez que possuímos a revelação do evangelho e interpretamos a história a partir das lentes de uma cosmovisão cristã, como então lidamos com a tensão de uma sociedade que possui uma história completamente diferente para contar? Uma história não-teocêntrica, mas antropocêntrica, uma história que não mais usa a linguagem da providência, mas do progresso, e uma sociedade que, ao rechaçar a fé cristã à esfera privada, visa chegar a um mundo ideal a partir do

racionalismo, do avanço tecnológico e científico e da prosperidade econômica? Uma sociedade que possui hoje, majoritariamente, três poderes atuantes: (1) espírito pós-moderno, (2) globalização econômica e (3) consumismo?

É a partir dessa percepção, e se efetivamente encarmos essa realidade, que nós iremos experimentar o que Lesslie Newbigin chamava de tensão dolorosa, gerando assim, um encontro missionário com a cultura. O encontro missionário com a cultura nada mais é do que o confronto entre duas cosmovisões, bem como um choque/embate entre duas crenças religiosas abrangentes (bíblica e cultural) que são encarnadas em duas comunidades (igreja e cultura) (informação verbal).¹⁸ O encontro missionário com a cultura somente pode ser gerado a partir primeiramente da tensão dolorosa, isto é, a percepção que estamos em meio à essa “encruzilhada”. Falando sobre isso, Newbigin declarou,

“não pode haver genuíno encontro missionário do evangelho com nossa cultura ao menos que encaremos essas questões.”¹⁹

Talvez, nossas cidades sejam caracterizadas igualmente por individualismo, narcisismo e mentalidade de consumo. A

igreja, no entanto, é a comunidade dentro da cidade que promove pertencimento, altruísmo e partilha. É uma espécie de prelúdio da eterna e verdadeira cidade. Muitos de nós desejam autorrealização, autossuficiência, mas o Reino diz respeito à autonegação, auto sacrifício.

Tudo isso com o objetivo de moldar uma comunidade distinta de modo a gerar um testemunho fiel em meio à cidade e a cultura:

- Uma comunidade que nutre a nova vida em Cristo;
- Uma igreja que suporta uns aos outros em seu chamado;
- Uma igreja que equipa uns aos outros para seus chamados;
- Uma comunidade que está se tornando ciente de sua cultura e das histórias que estão formando - história, ídolos, dons;
- Uma comunidade que está provavelmente envolvida nas necessidades do seu entorno;
- Uma comunidade que treina seus membros para pregar o evangelho de maneiras orgânicas.

¹⁷ Michael W. Goheen. *The Gospel Dynamic - Exploring the Heart of the Christian Faith* (2020). Pg 99.

¹⁸ Fala do Prof. Dr. Michael W. Goheen, na *Disciplina Encontro*

Missionário com a Cultura, DMin, em 07.09.2020.

¹⁹ *Ibidem*.

Um chamado à fidelidade



Rafael Castro, 21 anos, é estudante de Direito, membro da Igreja Presbiteriana do Brasil e casado com Giovanna Cristina. Autor do livro *O Pacto Divino* (2020).

“Todo nosso evangelicalismo é nada além de uma empreitada de tolos a menos que Deus mova os corações das pessoas. Contudo, Ele prometeu fazer isso se formos fiéis em pregar esta mensagem singular que tem o poder para salvar: o evangelho!” - Paul Washer

Tratar de plantação e crescimento de igrejas, é sempre difícil e traz muitas questões. Muitas dúvidas, sugestões e críticas surgem de forma automática na mente de muitos cristãos. O que podemos perceber é que, em muitas igrejas, a Escritura foi deixada de lado. No lugar dela, colocaram diversas estratégias e atrativos para encher os templos. É comum em igrejas neopentecostais, por exemplo, que sejam

estabelecidas metas para que uma quantidade determinada de pessoas seja levada para a igreja - até a pregação tem sido moldada para ser digerida por todos.

Pasmem, já vi algumas igrejas onde um dos pré-requisitos para alguém ser ordenado ao ministério pastoral era levar um número fixo de pessoas para a igreja. Os requisitos estabelecidos nas epístolas pastorais foram abandonados e, no lugar deles, foram colocados uma série de preceitos humanos que justificam a ansiedade por simplesmente encher a igreja.

Esse mero anseio de ver o templo cheio em todos os cultos tem levado pastores sérios a questionar se estão fazendo algo errado ao simplesmente anunciar a Palavra de Deus em toda a sua pureza, sem precisar de nenhum atrativo “extra”. Além dos supostos atrativos, muitos pastores, ao longo dos

anos, abandonaram a pregação genuína e cederam aos novos conceitos e perspectivas teológicas, como a teologia da prosperidade. Neste breve texto, me proponho a abordar esses problemas que estão enraizados em muitas igrejas, adentrando até mesmo em denominações históricas.

Um problema de natureza teológica

Há alguns anos, fui impactado pelo exemplo de um pastor puritano ao se deparar com um sermão acerca da Bíblia. Um evangelista puritano, John Rogers, em certa ocasião, encenou diante da congregação aquilo que seria a voz de Deus falando ao povo:

— “Tenho-lhes confiado por tanto tempo minha Bíblia [...] ela se encontra em [algumas] casas toda coberta de pó e teias de aranha, e não se preocupam nem um pouco em ouvi-la. Acaso é assim que vocês usam

a minha Bíblia? Então, nunca mais terão minha Bíblia”.

Em seguida, o puritano passou a andar de um lado para o outro do púlpito com a Bíblia em suas mãos. Então, parou e caiu sobre os seus joelhos e assumiu a voz do povo de Deus:

— “Senhor, não importa o que nos faça, não tire de nós a tua Bíblia; mata nossos filhos, queima nossas casas, destrói nossos bens, poupa-nos somente tua Bíblia; não leve embora tua Bíblia”. “Acaso é assim que vocês dizem?” - disse o ministro, falando como se fosse Deus. “Muito bem, eu os provarei por mais um tempo; aqui está minha Bíblia; fiquem com ela. Observarei como vocês a usam, se a examinarão mais, se a amarão mais, se a levarão a sério e se viverão de acordo com ela”.

Thomas Goodwin, outro puritano, ficou tão comovido pela exposição dramática do pregador que, assim que saiu da Igreja, agarrou ao pescoço de seu cavalo e despedaçou-se em lágrimas por quinze minutos, até que teve forças o suficiente para montá-lo.²⁰

Antes de tudo, é necessário ressaltar que o desejo de querer uma igreja cheia não é necessariamente errado - não conheço nenhum pastor que tenha o desejo de ter uma

igreja vazia. A problemática se instala quando os números se tornam um fim em si mesmos,

quando o evangelho e suas implicações são abandonados e, em seu lugar, uma mensagem diluída e atrativa é oferecida.

O exemplo do puritano Thomas Goodwin deve nos fazer refletir sobre o lugar que a Escritura ocupa em nossas igrejas. O Senhor Jesus deixou claro no evangelho de João: *“As minhas ovelhas ouvem a minha voz; eu as conheço, e elas me seguem”* (João 10:27). O ponto aqui é que as ovelhas de Cristo que estão espalhadas por todas as partes do mundo, inclusive na cidade em que você mora, irão ouvir a voz de Cristo e atender ao seu chamado. Na teologia, isso é o que chamamos de **“chamado eficaz”**, e que significa que, no devido tempo, através da Palavra do Senhor, as ovelhas irão ouvir e atender ao chamado soberano.

E qual é o meio pelo qual Cristo atrai o seu povo? Pastores, precisamos de artifícios inventados pela engenhosidade de nossas mentes para atrair as pessoas? A resposta é um grande e sonoro **NÃO**. Paulo deixa claro que o meio pelo qual Deus salva o seu povo é justamente pela pregação do evangelho: *“...agradou a Deus salvar*

aqueles que creem por meio da loucura da pregação” (1 Coríntios 1:21). E por qual motivo Paulo fala sobre a *“loucura da pregação”*? Talvez, estejamos tão acostumados com a narrativa do evangelho que esquecemos quão escandalosa é essa mensagem, Paul Washer afirma que

“o evangelho reivindica que um pobre judeu carpinteiro, que foi rejeitado como lunático e blasfemo por seu próprio povo e crucificado pelo Estado, é agora o Salvador do mundo, o Rei dos Reis e Senhor dos Senhores. Ao nome de Jesus, todo joelho, incluindo o de César, se dobrará”.

Pode parecer que buscar novidades e artifícios para atrair pessoas seja uma novidade do século 20 em diante, porém, se olharmos mais atentamente o texto de 1 Coríntios, capítulo 1, citado anteriormente, veremos que não é bem assim. Paulo expõe:

“Os judeus pedem sinais miraculosos, e os gregos procuram sabedoria, nós, porém, pregamos a Cristo crucificado, o qual, de fato, é escândalo para os judeus e loucura para os gentios, mas para os que foram chamados, tanto judeus como gregos, Cristo é o poder de Deus e a sabedoria de Deus” (1 Coríntios 1:22-24).

²⁰ BEEKE, Joel. *Espiritualidade Reformada: — Uma Teologia Prática*

para a Devoção a Deus, Editora Fiel, São Paulo, 2014, p. 197.

Os judeus, naquele tempo, buscavam sinais miraculosos, enquanto os gregos buscavam filosofias e debates de diversas naturezas, contexto este que era muito parecido com aquilo que vemos hoje na sociedade e em diversas igrejas. O ponto é que as pessoas estão sempre buscando aquilo que é agradável aos seus ouvidos. Paulo, porém, não buscava atrair judeus através de milagres e nem mesmo os gregos através de alguma nova filosofia, antes, ele pregava a mensagem simples e cativante do evangelho de Jesus Cristo, na certeza de que Deus iria atrair aqueles que pertencem a Ele.

Pastor, Deus te chamou para anunciar o evangelho em toda a sua pureza e simplicidade. Não profane o culto ao Senhor com elementos que não foram ordenados pelo Senhor (Deuteronômio 4:32). Não negocie a verdade apenas para ver o templo cheio. É comum acharmos que, para que os jovens permaneçam na igreja, é necessário uma série de artifícios atrativos - a questão, aqui, é que se de fato estes são ovelhas, irão servir ao Senhor Jesus independentemente de quaisquer outras coisas. O salvo pode dizer como o salmista: *“Tenho prazer nos teus mandamentos, eu os amo”* (Salmos 119:47). O prazer cristão está naquilo que Deus é e em suas obras, como John Piper brilhantemente afirma:

“Deus é mais glorificado em nós, quando estamos mais satisfeitos nEle”.

Se realmente acreditamos que o evangelho é totalmente suficiente, veremos quão tolos são os nossos esforços em tentar atrair pecadores por meios que não são bíblicos.

O triunfo do evangelho

Além da fidelidade na pregação, podemos descansar na certeza de que o evangelho irá triunfar. O livro de Apocalipse traz alguns panoramas interessantes acerca do avanço e triunfo do evangelho em meio ao caos e perseguição. Obviamente, meu propósito não é fazer uma exposição detalhada acerca de escatologia, mas trarei aqui uma breve reflexão.

No capítulo 19 de Apocalipse, temos uma visão interessante: João descreve Cristo, no céu, batalhando contra os seus inimigos (Apocalipse 19:11-16). Ele afirma que

“sai da sua boca uma espada afiada, para com ela ferir as nações; e ele mesmo as regerá com cetro de ferro e, pessoalmente, pisa o lugar do vinho do furor da ira do Deus Todo-Poderoso” (v.15).

Cristo batalha contra os seus inimigos através da espada afiada que sai de sua boca, e uma das implicações da visão de João é que Cristo está, nesse exato momento, governando

as nações, o evangelho está se espalhando, Cristo sai triunfante e *“peleja com justiça”* (v.1).

Quando lemos os evangelhos, em diversos momentos, vemos Jesus censurando e condenando os fariseus por sua incredulidade. Em Mateus 21, após narrar a parábola dos lavradores, o texto segue:

“Jesus lhes disse: vocês nunca leram nas Escrituras? A pedra que os construtores rejeitaram tornou-se a pedra angular; isso vem do Senhor, e é algo maravilhoso para nós. Portanto, eu lhes digo que o Reino de Deus será tirado de vocês e será dado a um povo que dê os frutos do Reino. Aquele que cair sobre esta pedra será despedaçado, e aquele sobre quem ela cair será reduzido. Quando os chefes dos sacerdotes e os fariseus ouviram as parábolas de Jesus, compreenderam que ele falava a respeito deles” (Mateus 21:42-45).

A ideia do texto é mostrar que, devido a incredulidade de grande parte das autoridades judaicas, o juízo viria sobre a nação de Israel, sendo que uma das maiores evidências desse juízo foi a destruição do maior símbolo religioso para os judeus: o templo, no ano 70 D.C, em consequência da rejeição do Filho de Deus (cf. João 1:11-12; Mateus 24:1-2). O que fica claro ao longo da narrativa bíblica é que Deus está fazendo o seu reino avançar, o evangelho irá

triunfar e os inimigos de Deus serão frustrados no final:

“Os reis da terra se levantam e os governos consultam juntamente contra o Senhor e contra o seu ungido, dizendo: Rompamos as suas ataduras, e sacudamos de nós as suas cordas. Aquele que habita nos céus se rirá; o Senhor zombará deles. Então lhes falará na sua ira, e no seu furor os turbará.” (Salmos 2:2-5)

Não obstante o que vemos agora, preguemos com a certeza de que Cristo verá o

fruto do seu penoso trabalho e ficará satisfeito (Isaías 53:11), de que possui uma espada afiada em sua boca (Apocalipse 19:15), que suas ovelhas serão chamadas e atraídas de uma forma invencível e irresistível (João 10:27). Não cedamos e deturpemos as Escrituras em prol de meramente enchermos nossas igrejas. Seja fiel, pregador da justiça como Noé, mesmo que apenas um punhado de pessoas sejam alcançadas (cf. 2 Pedro 2:5).

“Eu me opus às indulgências e aos papistas, mas nunca pela força. Eu simplesmente ensinei, preguei e traduzi a Palavra de Deus; fora isso, não fiz mais nada. E enquanto eu dormia ou bebia a cerveja de Wittenberg com meus amigos Phillip e Amsdorf, a Palavra enfraqueceu o papado de tal forma que nenhum príncipe ou imperador jamais seria capaz. Eu não fiz nada; a Palavra fez tudo”. - Martinho Lutero

O poder transformador do Evangelho para a cidade



Daniel Fich de Almeida é Pastor-presidente da AD Lajeado - RS. Advogado (OAB/RS 94.097). Especialista em “*Estado Constitucional e Liberdade Religiosa*” pela Universidade Presbiteriana Mackenzie (SP), com estudos no Ius Gentium Conimbrigae, na Universidade de Coimbra (Portugal) e no Oxford Centre for Christianity and Culture, no Regent’s Park College da Universidade de Oxford (Inglaterra). Membro da Anajure (Associação Nacional de Juristas Evangélicos). Membro do IBDR (Instituto Brasileiro de Direito e Religião). Assessor jurídico da CIEPADERGS (Convenção das Igrejas Evangélicas e Pastores da Assembleia de Deus no Estado do Rio Grande do Sul).

É inegável que a população mundial está cada vez mais urbana. O êxodo rural acentuou-se com a industrialização e, hoje, a maioria absoluta da população, não apenas no Brasil, mas no mundo todo, vive em cidades.

O evangelho não é para a cidade ou para o interior, o evangelho é para o ser humano, todavia, o lugar onde o homem está deve ser objeto de minuciosa análise por parte do evangelista. Se o agente convencedor do pecado não é humano, mas sim o Espírito Santo (João 16:8), a busca por métodos contextualizados

para a evangelização é responsabilidade do evangelista (1 Coríntios 9:22), claro, nunca separada da capacitação do Espírito Santo para testemunhar (Atos 1:8).

“No Brasil, a urbanização já atingiu 85% da população. Isso quer dizer que, a cada 100 brasileiros, mais de 80 vivem em grandes ou pequenas cidades. Em questões mais globais, existem no mundo 20 cidades com mais de 10 milhões de habitantes; mais de 60 com mais de 4 milhões e mais de 400 com mais de 1 milhão.”²¹

Se é nas cidades que a maior parte da população mundial está, logicamente é ali onde residem os problemas sociais decorrentes da presença do homem, pois a Queda deformou a perfeição de tudo o que o Senhor nosso Deus criou.

Ao flertar com satanás, o primeiro casal humano atraiu consequências imediatas para si, mas, não apenas, as consequências recaíram também sobre toda a raça humana que viria depois deles (Romanos 5:12).

Pelo pecado, a comunhão com Deus tornou-se medrosa (Gênesis 3:8-10); a amizade

²¹ ALVES, José. *Missão Urbana. Estratégia para conquistar cidades*. Rio de Janeiro: CPAD, 2020, p. 08.

com Deus tornou-se inimizado (Romanos 5:6-8); a submissão gratificante a Deus tornou-se rebeldia contra a Sua glória e governo; a beleza da perfeição trocou-se para corrupção, dissolução, enfermidade e tristeza. A presença graciosa trocou-se pela separação (Gênesis 3:22-24); as perfeições tornaram-se vaidades e o homem ficou destituído da glória de Deus (Romanos 3:23).

Os impactos da Queda são primeira e principalmente espirituais, todavia também alcançam todas as dimensões da civilização, corrompendo a criatura, razão pela qual, onde o homem estiver é inevitável a existência de conflitos, mentira, violência etc. É por causa do pecado que o perfeito é contaminado. É por causa do pecado que o belo é deformado. É por causa do pecado que a corrupção se instala e transforma o ambiente de convívio em um lugar insalubre e, não raramente, contraditório à fé e aos valores do Reino.

Nesse sentido, o Pr. José Alves destaca que as cidades já nascem deformadas:

“As cidades em si não são ruins ou corruptas, mas acabam tornando-se centros de impiedade por causa das pessoas que ali moram. Aliás, a degradação de uma sociedade é

*algo que acontece de cima para baixo, ou seja, inicia-se nos altos escalões da sociedade urbana e vai descendo até o povo, corrompendo-o”.*²²

Diante das consequências do pecado, as boas práticas de gestão são insuficientes para transformar cidades. Diante das consequências do pecado, um bom IDH ou renda *per capita* alta são insuficientes para transformar cidades. Se indicadores econômicos fossem parâmetro para fazer frente à Queda da humanidade, então, Finlândia, Noruega e Suíça seriam o paraíso na terra, mas não são! Ricos também precisam ser regenerados.

Diante das consequências do pecado, regimes de governo, sejam eles quais forem, são insuficientes para transformar cidades. Por exemplo, como cristãos, prezamos pela liberdade, logo a democracia é um regime que nos entusiasma, pois valoriza grandemente a liberdade. Em 11 de novembro de 1947, em discurso na Câmara dos Comuns, Winston Churchill, com sua peculiar ironia exalta a democracia dizendo: “A democracia é a pior forma de governo, com exceção de todas as demais”.

Todavia, a democracia é incapaz de transformar a realidade de uma cidade. Aliás, nas palavras de C. S. Lewis,

um cristão deve prezar pela democracia, mas justamente por ter uma visão realista sobre a natureza humana:

*“Sou democrata porque creio na Queda do ser humano. Acho que a maioria das pessoas é democrata pelo motivo oposto. Grande parte do entusiasmo democrático resulta das ideias de gente como Rousseau, que acreditava na democracia por pensar que a humanidade é tão sábia e boa que todos merecem tomar parte no governo. O perigo de defender a democracia nesses termos é que nada disso é verdade. E, toda vez que a fragilidade é exposta, os que preferem a tirania se beneficiam. Verifico que eles não falam a verdade sem precisar olhar para nada além de mim mesmo. Não mereço participar nem do governo de um galinheiro quanto mais de uma nação. A verdadeira razão para a democracia é exatamente o oposto. A humanidade caiu tanto que ninguém pode exercer sobre os outros um poder sem controle. Aristóteles disse que algumas pessoas só servem para serem escravas. Não vou discordar dele, mas rejeito a escravidão porque não vejo ninguém qualificado para ser senhor de escravos.”*²³

Cientes dessa realidade, só nos resta a confiança no poder transformador do evangelho (Romanos 1:16).

²² ALVES, José. *Missão Urbana. Estratégia para conquistar cidades*. Rio de Janeiro: CPAD, 2020, p. 29.

²³ LEWIS, C. S. *Ética Para Viver Melhor*. 1.ed. São Paulo: Editora Pórtico, 2017, p. 47,48.

Quando olhamos para os números do evangelicalismo brasileiro, rapidamente nos empolgamos e as vezes até nos gloriamos de sua expressão, afinal, segundo afirmação do pesquisador do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Cláudio Dutra,

“o número de evangélicos no Brasil cresceu cerca de 61,5 por cento em dez anos, com 16 milhões de novos fiéis”. Segundo a pesquisa, entre 2000 e 2010, o total de evangélicos no Brasil subiu de 26,2 milhões para 42,3 milhões em 2010. A proporção dos evangélicos em relação à população do país avançou de 15,5 por cento para 22,2 por cento. Em 1991, eles representavam apenas 9 por cento da população.²⁴

Em um país de tradição cristã, agora, observa-se uma migração do catolicismo para o protestantismo.

“Após cinco séculos de predomínio da Santa Sé, vem aí a era da maioria evangélica — os ‘crentes’”.²⁵

A previsão é de José Eustáquio Alves, doutor e pesquisador em demografia.

Todavia, diante de expressivos números é inevitável nos questionarmos: o evangelho que estamos pregando e vivendo está transformando nossas cidades?

A igreja possui uma forte responsabilidade no campo social e a ajuda aos necessitados, encontrada na passagem do evangelho de Mateus 25:31-46, é uma expressão da verdadeira comissão integral da Igreja deixada por Jesus Cristo, pois envolve não apenas o alimento espiritual do homem, mas também do corpo e da alma, e em todas as suas necessidades. Esta incumbência vem sendo deixada de lado por muitos cristãos atualmente. Nessa passagem, Jesus mostra-se preocupado com a justiça social.

Os apóstolos Pedro, Tiago e João recomendaram a Paulo e a Barnabé para não se esquecerem dos pobres; e o apóstolo Paulo, em Gálatas 2:10, disse:

“Recomendando-nos somente que nos lembrássemos dos pobres, o que também procurei fazer com diligência”.

A responsabilidade da Igreja no campo dos desfavorecidos é imensa; além dos delinquentes, dos dependentes químicos, dos órfãos, dos velhos e dos necessitados. A ajuda aos pobres é aquilo inato à igreja, porque o verdadeiro amor de Cristo para com os nossos semelhantes é o motivo da existência da igreja. Para isso, basta olhar ao nosso redor para encontrar esses tais desfavorecidos - não é definitivamente necessário ir muito longe -, basta “sair para fora” das quatro paredes dos templos. Essa é a definição da verdadeira *Eclésia*.

Infelizmente, muitas igrejas se limitam a exercer suas atividades de forma interna, fechadas entre quatro paredes. A igreja precisa se conscientizar de que ela está inserida na sociedade para servi-la de forma integral.

O Comitê de Lausanne,²⁶ após requisitar uma consulta para discutir o tema da relação entre responsabilidade social e

²⁴<https://www.terra.com.br/noticias/brasil/numero-de-evangelicos-cresce-61-no-brasil-diz-ibge,c0addc840f0da310VgnCLD200000bbccceb0aRCRD.html>, consulta em 07 de abril de 2021.

²⁵<https://www.ecodebate.com.br/2020/01/29/motivos-e-consequencias-da-aceleracao->

da-transicao-religiosa-no-brasil-artigo-de-jose-eustaquio-diniz-alves/, consulta em 07 de abril de 2021.

²⁶ A **Comissão de Lausanne** para a Evangelização Mundial (**Lausanne Committee for World Evangelization, LCWE**), mais conhecida como Movimento de Lausanne, é um movimento evangélico global que nasceu no Congresso Internacional sobre Evangelização Mundial em

1974. Neste evento, que decorreu em Lausanne (Suíça), estiveram presentes 2700 delegados de mais de 150 países. Organizado por **Billy Graham e John Stott**, o Movimento de Lausanne deu origem a vários encontros estratégicos a nível global, onde se inclui o encontro de Lausanne em 1974, o de Manila (1989) e o da Cidade do Cabo, na África do Sul (2010).

evangelização, chegou à conclusão de que seria mais fácil dividir a responsabilidade social cristã em duas categorias, “serviço social” e “ação social”, e foram separadas da seguinte forma:

a) SERVIÇO SOCIAL: *Socorrer o ser humano em suas necessidades; Atividades filantrópicas; Procurar ministrar a indivíduos e famílias; e Obras de caridade.*

b) AÇÃO SOCIAL: *Eliminar as causas das necessidades; Atividades Políticas e econômicas; Procurar transformar as estruturas da sociedade; e Busca da Justiça.*²⁷

Com o passar dos anos e com o crescimento do Evangelho e consequentemente da Igreja, algumas necessidades foram surgindo e tomando o lugar muitas vezes das necessidades básicas. Com isso, a Igreja foi perdendo sua referência inicial (Atos 2) e infelizmente abandonou muitas ideologias cristãs ensinadas por Jesus e princípios bíblicos.

Russell P. Shedd, em seu livro *Justiça Social e a Interpretação da Bíblia*,²⁸ comenta como a justiça social esteve presente em boa parte do Antigo Testamento, onde as leis de Israel foram instituídas por Deus a fim de criar e manter uma sociedade justa para todos os seus membros,

independente de classe ou posição, e que Deus rejeita totalmente qualquer separação entre religião e justiça, pois a legislação social e as regras de culto são justapostas no Pentateuco para sublinhar o princípio de que Deus ordena aos homens e mulheres que não só mantenham uma relação vertical adequada com ele, mas também atribuam a necessária importância ao seu relacionamento com a criação e, especialmente, com o seu próximo.

Já no Novo Testamento, a Teologia não está dissociada da vida: os cristãos são obrigados a praticar a retidão, e a levantar suas vozes contra a injustiça. Só assim, terão condições de demonstrar fidelidade a Deus e a veracidade de sua profissão de fé como cristãos membros da Igreja, cujo cabeça é Cristo.

A Palavra de Deus é incisiva quando trata da questão social da igreja:

“Não te furtas de fazer o bem a quem de direito, estando na tua mão o poder de fazê-lo. Não digas ao teu próximo: Vai e volta amanhã; então, te darei, se o tens agora contigo.” (Provérbios 3:27-28)

Para Martinho Lutero, famoso reformador, pregador e teólogo, o elemento religioso é

construído na história, em meio aos fenômenos sociais, aos políticos e aos econômicos. Ainda, segundo Lutero, o cristão é cidadão pertencente ao Reino de Deus e ao reino deste mundo. Sob o prisma de Lutero, o ser humano responsável diante de Deus e da autoridade civil. Por isso mesmo, ele dá ênfase ao papel social do cristão em suas 95 teses.²⁹ Dentre elas destacamos:

43º – Os cristãos devem ser ensinados que aquele que dá ao pobre ou empresta ao necessitado pratica uma obra melhor do que comprar perdões.

45º – Os cristãos devem ser ensinados que aquele que vê um homem em necessidade, e passa por ele, e dá (seu dinheiro) por perdões, não compra as indulgências do papa, mas a indignação de Deus.

Afinal de contas, qual a relação entre responsabilidade social e evangelização? Neste sentido, lembra Stott:

“Muitos temem que quanto mais nós, os evangélicos, nos comprometermos com um, tanto menos estaremos comprometidos com o outro, e que, caso nos comprometamos com ambos, um dos dois com certeza sairá prejudicado; e, especialmente, que uma preocupação com a responsabilidade social certamente acabará embotando

²⁷ **O PACTO DE LAUSANNE. V.4. Série Lausanne.** São Paulo/Belo Horizonte: ABU/Visão Mundial, 1983.

²⁸ **SHEDD, P. Russel. Justiça social e a interpretação da Bíblia** - 2ª Ed. São Paulo: Vida Nova, 2013, p. 113.

²⁹http://www.monergismo.com/textos/credos/lutero_teses.htm, consulta em 07 de abril de 2021.

nosso zelo evangelístico. Ao contrário do que muitos pensam, entendo que a tarefa da Igreja deve abarcar as duas ações, a evangelizadora e a social. Ora, se houver fidelidade ao Evangelho de Jesus, a Igreja não cometerá o equívoco de priorizar uma ação em detrimento da outra. No entanto, creio, ainda, que se deve usar o bom senso ao decidir qual será a atividade a encabeçar o contato da Igreja com dada comunidade. Conquanto devam andar juntas, a evangelização e a ação social podem existir independentemente”.³⁰

Amar ao próximo é o segundo maior mandamento da Bíblia, depois de amar a Deus sobre todas as coisas. Todas as outras regras dependem desses dois mandamentos.

Todavia, há outro lado da mesma moeda a ser considerado.

Em nome das boas obras e do amor ao próximo, não se pode transformar o evangelho apenas em uma missão social, muito menos socialista. Apenas praticar caridade e boas ações não transforma alguém em discípulo de Jesus. A grande comissão (Mateus 29:19 - Marcos 16:15) não nos envia para fazer caridade, mas sim discípulos.

Na verdade, todo o discípulo de Jesus pratica boas obras (Mateus 5:16), mas nem todos

os que praticam boas obras são discípulos de Jesus. A motivação é determinante. Afinal de contas, maçons, espíritas e outros membros de inúmeras entidades praticam obras louváveis, mas somente isso não os faz discípulos de Jesus.

Ao olharmos para o contexto do *Sermão da montanha*, vemos que, antes de falar na prática de boas obras, Jesus elenca uma série de bem-aventuranças, e elas dizem respeito à humildade de espírito, justiça, misericórdia, pureza, pacificação e perseguição.

A igreja precisa ser eficiente no serviço social, mas o evangelho de Jesus é capaz de transformar a base, eliminando os motivos da desigualdade. Nesse ponto, compartilho das inquietações do Pr. Alves que, em seu livro *Missão Urbana*, questiona:³¹

• Se a Igreja cresce, por que o nível de marginalidade não diminui?

• Se a Igreja cresce, por que o nível de imoralidade não diminui?

• Se a Igreja cresce, por que o nível de violência não diminui?

• Se a Igreja cresce, por que o nível de corrupção política não

diminui?

• Se a Igreja cresce, por que o número de divórcios não diminui?

A inexistência da relação inversamente proporcional já nos mostra que nosso evangelismo e a prática do evangelho, cremos, no mínimo necessita de atenção, e não importa quanta caridade façamos.

O evangelho é sim uma das mais poderosas armas de transformação social, mas não por causa da ação social. Essa decorre da transformação profunda que o Espírito Santo gera no crente (Efésios 4:28 - Filipenses 4:8 - 1 Pedro 1:15 - 2 Coríntios 7:1 - 1 Tessalonicenses 4:7).

Se quisermos ver nossas cidades transformadas, precisamos viver o evangelho de Cristo na sua totalidade. Não devemos nos enganar pensando que todos os frequentadores de templos ou filantropos são discípulos de Jesus. Discípulos de Jesus são aqueles que nasceram de novo (João 3:3 - Romanos 6:4) e, negando a si mesmos (Lucas 9:23), seguem os mandamentos do Cristo ressuscitado (João 14:15).

³⁰ STOTT, John R. W. *John Stott Comenta o Pacto de Lausanne*. São

Paulo: ABU Editora, 1. ed. 1983, p. 129.

³¹ ALVES, José. *Missão Urbana. Estratégia para conquistar cidades*. Rio de Janeiro: CPAD, 2020, p. 30.

Igreja na cidade ou Igreja para a cidade?



Miguel Carlos dos Santos Junior é casado com Daniele e pai de três lindos filhos. Pastor-auxiliar da Igreja Presbiteriana de Vila Pompéia, atuando na Congregação Presbiteriana Luz, em São Paulo -SP, é formado em Teologia pelo Seminário JMC e especialista em Teologia Filosófica pelo CPAJ. Atua como analista teológico e filosófico no Sistema Mackenzie de Ensino.

Em 2008 o jornal *The Guardian*, na Grã-Bretanha, fez uma matéria especial com o título “*Conhecimento é poder - O Futuro das Cidades*”. Um dos escritores opinou dizendo que

*“10 anos atrás, cidades eram vistas como contribuintes vitais para a economia global. Isso não é mais verdadeiro. Hoje, cidades são a economia global ... as 40 maiores cidades, ou mega regiões, são responsáveis por dois terços da produção mundial.”*³²

Recentemente, um artigo no site da reunião de 2020 do

World Economic Forum confirmava a matéria do *The Guardian* com o título: “*Olhe para as cidades, não para os estados-nação, para resolver nossos maiores desafios.*”³³

Apesar de todas as minhas suspeitas com os objetivos do WEF (entre eles o propósito de desvalorização das nações e a imposição de uma nova ordem mundial, ou “*Great Reset*”, em suas palavras³⁴), o artigo afirma algo inegável: as cidades estão se tornando cada vez mais importantes no cenário mundial, até mais que as nações.

Albert Mohler, presidente do Seminário Teológico Batista do Sul, em Louisville, Kentucky, quando leu o

relatório especial de 2010 – “*O Futuro das Cidades*” – do *Financial Times*, respondeu dizendo:

“Isso é muito claro – as cidades estão onde o povo está. No decorrer de menos 300 anos, nosso mundo mudou de um no qual somente 3% das pessoas viviam nas cidades para um no qual 80% são residentes de áreas urbanas. Se a Igreja Cristã não aprender novas formas de ministério urbano, nós vamos nos encontrar do lado de fora olhando para dentro. O evangelho de Jesus Cristo precisa convocar uma nova geração de cristãos comprometidos dentro dessas numerosas cidades. Como esses

³² Ian Wylie, “*Knowledge Is Power*”, *The Guardian* (30 de Setembro, 2008), em <https://www.theguardian.com/society/2008/oct/01/cities.regeneration.uk>

³³<https://www.weforum.org/agenda/2020/01/cities-mayors-not-nation-states-challenges-climate/>

³⁴https://www.youtube.com/watch?v=uPYx12xJFUQ&ab_channel=WorldEconomicForum

novos números deixam claro, realmente não há escolha.”³⁵

Temos, portanto, diante de nós, o desafio de compreender o quadro que está se formando atualmente na história mundial, conhecer as cidades nas quais estamos inseridos e entender como aplicar o evangelho nesta oportunidade que se abre. Antes de tudo, porém, temos de encarar o desafio de rever nossos conceitos sobre as cidades. Digo isso porque a maioria das literaturas cristãs sobre cidades focam sua atenção nos problemas internos das áreas urbanas e apontam para o ministério nas cidades como um ministério que deve arrumar esses problemas. Assim, intencionalmente ou não, as cidades têm sido pintadas somente como lugares problemáticos ao invés de lugares de oportunidades para o avanço do evangelho.

Partindo desse ponto de vista geral sobre as cidades, as pessoas tendem a adotar uma de duas abordagens. A primeira delas seria a tentativa de *fugir das cidades*. Pensando nas cidades como lugares perigosos e intimidadores, algumas pessoas que moram fora dos grandes centros se aventuram a ir para as cidades somente quando é absolutamente necessário. Algumas que vivem nas cidades sonham em sair delas.

A outra abordagem seria a de *usar as cidades*. Essa abordagem vê as cidades como um lugar de oportunidade para as pessoas conquistarem aquilo que desejam, o que pode incluir títulos, riquezas, experiências, prazeres. Mas seriam essas duas abordagens as únicas opções? Creio que não. Há um chamado da parte de Deus para abordarmos as cidades de maneira incomum.

Porém, antes de tratar dessa abordagem, penso ser importante entendermos a posição que os cristãos ocupam em relação às cidades.

Quando uma pessoa vem à Cristo, recebe da parte de Deus uma nova cidadania (Efésios 2:19; Filipenses 1:27,3.20; Hebreus 12:22), a cidadania celestial de alguém que pertence à nova Jerusalém (Apocalipse 21:1-3). No entanto, enquanto a história da Redenção se desenrola até encontrar seu glorioso fim, Deus faz com que os cidadãos celestiais vivam nas cidades terrenas para que atuem como a alma dessas cidades, influenciando-as com o poder de Cristo. Não é por outro motivo que Jesus chama os cristãos de o “*sal da terra*” e a “*luz do mundo*” (Mateus 5:13-14). Quando os cristãos ignoram essa sua identidade, eles tendem a viver nas cidades terrenas com uma espécie de *sobrecontextualização*. O que eu

quero dizer é que, quando os cristãos ignoram o fato de que são cidadãos do céu vivendo na terra para exercer uma influência positiva em nome de Cristo, eles simplesmente assimilam a vida da cidade em que estão e permitem que os objetivos e sonhos das cidades se sobreponham à sua cidadania celestial e aos objetivos que essa nova cidadania traz. Por outro lado, alguns podem seguir pelo caminho oposto, da *subcontextualização*, isto é, tornam a fé algo privativo, sem contato com a realidade da vida na cidade em que estão.

Abandonar ou privatizar as convicções cristãs é algo que acontece com frequência, mas o segundo erro é particularmente sutil porque traz consigo a sensação de que não se trata de um abandono da fé, mas uma afirmação dela. Porém, quando alguém privatiza a fé cristã e não se engaja no mundo com a mensagem do evangelho, esse alguém, sem perceber, tem abandonado sua convicção cristã. A essência do Cristianismo é pública, e não privada. Nós somos chamados à proclamação e influência, e não somente para receber bençãos particulares.

Acredito que a maioria dos cristãos está familiarizada com a ideia de que devem estar no

³⁵ Albert Mohler, “*From Megacity to ‘Metacity’ – The Shape of the Future*”, AlbertMohler.com,

<https://albertmohler.com/2010/04/22/from-megacity-to-metacity-the-shape-of-the-future/>

mundo, mas não pertencer ao mundo. Esse princípio é derivado de João 17, no qual Jesus reconhece que seus discípulos estão “no mundo” (v.11), enquanto declara que “eles não são do mundo” (v.16). Mas, em sua oração ao Pai, Jesus não diminui a tensão entre esses pontos. Na verdade, ele fortalece essa tensão dizendo: “Não peço que os tires do mundo, e sim que os guardes do mal.” (v.15). Essa tensão nos coloca numa posição intermediária, isto é, nem somos chamados à *sobrecontextualização*, nem à *subcontextualização*, antes somos chamados a contextualizar nossa fé na cidade. O que isso significa é que, para se relacionar com a cidade inteligentemente, bem como compartilhar a fé com credibilidade, o cristão precisa conhecer a cidade em que está, entender seus valores, medos, sonhos e atitudes e, então, comunicar a fé de forma que ela seja dirigida às reais necessidades daquele lugar.

O entendimento do nosso papel em relação às cidades, como sendo o de cidadãos celestiais que atuam neste mundo, estabelece a base para entendermos a abordagem que nos cabe em relação às cidades. Não somos chamados nem para *abandonar as cidades*, nem para *usar as cidades*, mas somos chamados por Deus para *servir às cidades*. Esta abordagem é estabelecida pelos dois grandes mandamentos:

“Amarás o Senhor, teu Deus, de todo o teu coração, de toda a tua alma e de todo o teu entendimento [...] amarás o teu próximo como a ti mesmo.” (Mateus 22:37,39)

As cidades são simplesmente os lugares mais cheios de “*próximos*”. Elas são os lugares com a mais alta e diversa concentração de pessoas que se pode encontrar. Então, é preciso pensar nas cidades como um lugar repleto de próximos para conhecer, amar e se relacionar por meio do evangelho. Posso até ir mais longe e dizer que cidades são pessoas. Nós geralmente pensamos em cidades como uma “selva de pedras”, um aglomerado de grandes construções, mas essas coisas são produtos da cidade. Porém, cidades repletas de prédios, mas sem pessoas não são cidades de fato. Cidades são feitas de carne e osso. Sem pessoas não há cidades. Isso explica o porquê de Deus se importar com as cidades nas Escrituras e porque nós, igualmente, deveríamos nos importar.

Agora, para servir as cidades de forma inteligente e amá-las de forma efetiva, contextualizando nossa fé na aplicação do evangelho às suas necessidades, nós precisamos conhecer as cidades onde estamos e entender sua personalidade única. Existem algumas questões que nos ajudam a descobrir o DNA da cidade. Podemos começar por

saber qual é a história daquela cidade; quais são os valores daquela cidade; quais são seus sonhos; quais são seus medos; e qual é a personalidade, isto é, o caráter e o temperamento daquela cidade. Conhecer e descobrir essas coisas nos prepara para a ação.

Posso dizer que essa era praticamente a tática do apóstolo Paulo por todas as cidades que ele passava. Paulo conhecia a história das cidades por onde passava e se dirigia a elas a partir da percepção que tinha da personalidade de cada uma. Por exemplo, Jerusalém tinha sua personalidade resumida na palavra “tradição”; Roma – “poder”; Atenas – “conhecimento”; Éfeso – “religião”. Então Paulo desafiava essas cidades, apresentando uma nova direção por meio do evangelho do Senhor Jesus. Em resumo, a tática envolvia conhecer a história da cidade, desafiar a história da cidade e, por meio do evangelho, refazer a história da cidade.

Entender o chamado de Deus para amar o próximo e, com isso, a abordagem de servir a cidade estabelece a diferença entre ser uma igreja *na* cidade ou ser uma igreja *para* a cidade. Infelizmente, a maioria das igrejas tem seguido pelo caminho perigoso da *subcontextualização*, isto é, elas têm se tornado meramente igrejas *nas* cidades, sem nenhum efeito transformador para os lugares onde estão.

Outras, ignorando a realidade de cidadania celestial, têm seguido pelo caminho da *sobrecontextualização*, que nada mais significa do que abraçar os valores e sonhos da cultura ao redor. Nem uma e nem outra conseguem servir à cidade adequadamente. Uma se torna distante e a outra irrelevante.

Nós, cristãos, portanto, precisamos repensar nosso entendimento sobre as cidades e resgatar um olhar mais positivo sobre elas para cumprirmos nosso chamado. Joel Kotkin, no livro *A Cidade: Uma História Global*, sugere três abrangentes categorias sobre as características das cidades. Ele diz que

*“elas nos mantêm seguros, sociáveis e moldam nosso entendimento e consciência do sagrado. Colocando de outra maneira, cidades são centros de poder, cultura e espiritualidade”.*³⁶

Elas são centros de poder porque promovem segurança física, econômica e governamental. São centros

culturais porque, na aglomeração de ideias, funcionam como um motor criativo. E são centros de espiritualidade porque são construídas em cima das coisas sobre as quais a humanidade tenta derivar seu significado e propósito. Esteja centralizada ao redor de uma mesquita ou de um distrito financeiro, uma catedral ou um setor de entretenimento, toda e qualquer cidade é construída em honra e adoração a algum tipo de “deus”. Há uma multiplicidade religiosa inigualável nas cidades. Seja em uma religião formal ou em uma religião funcional, as pessoas na cidade estão sempre em estado de adoração, ainda que seus deuses não sejam entidades definidas, mas coisas como poder, fama, posses, privilégios e conforto. E as cidades vão se moldando ao que elas mais reverenciam.

Cidades são centros de adoração porque elas estão cheias de adoradores – pessoas que entregam suas vidas àquilo que acreditam preenchê-las. E todos esses adoradores são muito abertos

para encontrar novos objetos de adoração.

Alguns podem achar essa espécie de abertura espiritual ameaçadora, mas sugiro que deveríamos entender isso como uma ótima oportunidade. Foi precisamente esse tipo de procura espiritual urbana que providenciou o contexto para a rápida propagação do evangelho no primeiro século. Dessa forma, o fenômeno global de urbanização providencia uma incrível oportunidade para propagar e influenciar o mundo todo com o evangelho, que a Igreja não tem visto desde seus primeiros dias. Para que isso aconteça, as igrejas locais precisam ser mais do que igrejas *na* cidade. Precisam ser igrejas *para* a cidade, que verdadeiramente amem as pessoas ao redor, servindo-as e apresentando a elas o que suas almas tanto procuram e que as cidades não podem oferecer: um verdadeiro e profundo relacionamento com o Criador que só é possível através da gloriosa salvação em Cristo Jesus.

³⁶ Joel Kotkin. *The City: A Global History* (New York: Modern Library, 2006), ixx. 10.

O homem todo: o cristianismo em todos os níveis da vida humana



Francine Cabanas Tobin é Fotógrafa, artesã e musicista da Igreja Assembleia de Deus Jardim Botânico/POA. Graduada em Fotografia, pela ULBRA, em Canoas - RS. Através da fotografia artística, vem buscando retratar a teologia, usando a fotografia como narrativa, criando séries fotográficas com uma poética visual inspirada na cosmovisão cristã.

“A igreja nunca foi uma comunidade desprovida de todo contato com o mundo exterior.”³⁷

O cristianismo deve significar em todos os níveis da vida humana, e a diferença dessa “Vida” propagada pelo evangelho deve ser visível em todos os campos. A importância de cristãos em todas as áreas e em todas as esferas profissionais é enfatizada por Hans Rookmaaker, quando escreve que pregar o evangelho e dizer que em Cristo há vida sem ser capaz de mostrar algo da realidade dessa vida, sem dialogar com o mundo

exterior, seria falar ao vento e algo que logo começaria a soar falso. Sobre essa questão, o autor faz menção a C. S. Lewis em seu livro *A Arte não Precisa de Justificativa*:

“A diferença deve ser visível em todos os campos. Como diz C. S. Lewis de maneira tão bela, já temos livretos e panfletos cristãos em número suficiente; porém, se quisermos a recristianização da Europa e dos Estados Unidos, isso não acontecerá se as pessoas não conseguirem encontrar um bom livro em certa área do conhecimento e descobrir que ele foi produzido por cristãos”.³⁸

Como lemos nas Escrituras, a igreja como corpo de Cristo é composta por muitos membros, todos com funções diferentes e que, juntos,

realizam o bom funcionamento do todo. Segundo a pergunta nº 4 do *Catecismo Nova Cidade*, o homem foi feito para glorificar a Deus, e, segundo Joe Rigney,³⁹ sendo ele o “homo adorans” (homem que adora), deve incluir toda a sua vida neste ato (de adorar); nenhuma esfera de sua existência deixa de ser importante - e nesta frase está a ênfase de tudo que será abordado neste breve artigo. O levantar, as tarefas rotineiras, o trabalho, os estudos, o culto, o entretenimento, a saúde, a alimentação, e tudo por onde move-se o ser humano e que o forma é importante, devendo estar de acordo com a vida redimida por Cristo, pois Ele é Senhor da vida cristã integral.

Esse ensinamento das Escrituras sobre a Igreja como Corpo, deveria eliminar o

³⁷ GONZÁLEZ, Justo. *A Era dos Mártires* (São Paulo. Vida Nova, 1995), p. 15.

³⁸ ROOKMAAKER, Hans. *A Arte não precisa de Justificativa* (Viçosa, MG. Ultimato: 2010), p. 35.

³⁹ RIGNEY, Joe. *As Coisas da Terra* (Brasília – DF. Editora Monergismo, 2017), p. 98.

sentimento de inutilidade que muitos irmãos revelam ter acerca de si mesmos no evangelho, sentindo-se sem valor na missão do Reino por não exercerem papel aparente em suas igrejas locais. Muitos irmãos relatam esse tipo de pensamento assombroso, e até ouvem tal coisa de outros, em tom de advertência. Pessoas sinceras sofrem com esse peso, muitas vezes, por causa de exposições incompletas (ou a falta de exposições) sobre a amplitude do Reino de Deus, da remissão de Deus para o homem TODO (o que inclui seu intelecto e sua criatividade).

Para Deus, o homem e tudo o que este faz importa. Ele não faz novos homens apenas para cultuá-lo dentro do templo, para que “lá fora”, em casa, no trabalho, nas férias, na faculdade, estes se portem como mornos, desprovidos de propósito e faltos em intrepidez.

Francis Schaeffer escreve sobre o senhorio de Cristo logo no início do livro *A Arte e a Bíblia*, apresentando um sistema que ajuda a perceber o significado de ser uma pessoa “plena cuja vida como um todo está sob o senhorio de Cristo”, de modo a não limitar Seu senhorio a uma pequena área da realidade, e sim para nossa vida como um todo e nossa cultura. Nesse sistema, o autor mostra quatro coisas muito claras que a Bíblia nos deixa: Deus fez o homem todo, e em

Cristo ele todo é redimido; Cristo é Senhor do homem todo e da vida cristã integral, e quando Jesus voltar, o homem todo terá uma redenção completa.

Essa concepção da totalidade do homem e a menção repetitiva do “todo”, confere sentido à sua existência em todas as áreas do viver, começando pelo cuidado com as coisas terrenas enquanto buscamos as do céu. Em outras palavras, a vida diária se apresenta como importante tanto quanto o tempo dentro da igreja, pois, assim como louvamos com maior ênfase as coisas do céu no culto, o mesmo devemos fazer no dia a dia. No livro *As Coisas da Terra*, Joe Rigney nos ensina a ver que, à luz da face de Deus, essas coisas da terra não perdem seu brilho, e sim Ele brilha em tudo que é bom, e isto deve-nos fazer viver com empolgação mesmo a menor das ações executadas nos dias ordinários.

O alegrar-se com o trabalho e a vida em família (é dom de Deus. Ver Eclesiastes 5:19, 9:9), cuidar do que lhe é dado (Gênesis 2:15), gozar da mocidade (Eclesiastes 11:9), e viver aventuras de obediência, como descrito por Justo González (*A Era dos Mártires* - p. 14), são presentes de Deus nesta terra, dos quais o homem feito para buscar Seu Reino em primeiro lugar, pode desfrutar, cuidar e louvar. Tem-se nessas palavras das

Escrituras, um alcance da realidade extremamente comum da rotina: o evangelho verdadeiro é capaz de dar sentido à tudo como adoração e confiança à Deus.

Por que toda essa abordagem? Para novamente clarear que Deus é Senhor da vida cristã integral, do homem como adorador no culto e “fora” dele, de seu cuidado para com a ordem do culto tanto quanto para com a ordem em sua casa, de suas palavras com irmãos na igreja e as mesmas no trabalho, e de seu posicionamento e contribuição perante a cultura. O homem como um todo importa.

No Evangelho, temos a vida cristã sendo exercitada em todas as áreas, e a partir deste entendimento, percebemos quão útil todos nós podemos ser em cada tarefa que nos for confiada. Pense no seu trabalho. Nele, você tem contatos que seu pastor não tem, de maneira que é privilegiado com este alcance, e é aqui que entraremos na importância de cristãos em todas as áreas, inclusive nas profissionais, de modo que, por este meio, e através do indivíduo cristão, o cristianismo venha a dialogar com o “mundo externo” de González.

Recordemos os séculos anteriores, nos quais o evangelho se alastrou pelo mundo de diferentes formas, e uma delas era a vida

profissional dos cristãos: comerciantes que iam de um lugar ao outro e eram cristãos e, assim, o cristianismo chegava frequentemente a alguma nova região, não levado por missionários ou pregadores itinerantes, outrossim por mercadores, escravos e outras pessoas que por diversas razões se viam obrigadas a viajar. Estes, se valeram da sua realidade para atingir muitos cidadãos, evidenciando também que

*“a igreja nunca foi uma comunidade desprovida de todo contato com o mundo exterior”.*⁴⁰

Ainda dentro do ramo profissional, mais um destaque válido a ser mencionado é a excelência. Schaeffer defende que *“a busca pela excelência também é uma maneira de louvar à Deus”*,⁴¹ o que de fato inclui nosso ofício. Trabalhamos todos, a todo momento, para o Reino, de modo que

“o cristianismo verdadeiro; as coisas, ações e esforços humanos só alcançam seu

*significado a partir de seu relacionamento com Deus”.*⁴²

Em resumo, estamos existindo em um mundo grande e ferido o bastante para precisar de luz em cada parte de sua esfera. Precisamos de mordomos - pessoas redimidas que sirvam umas às outras em amor, pessoas dispostas e criativas para dialogar com a cultura, músicos cristãos que componham sobre as árvores, as aves, a cruz, o café, a vida vivida em sua totalidade.

Como diz a citação mencionada no início do texto, precisamos, cada vez mais, encontrar um bom livro em certa área do conhecimento e descobrir que ele foi produzido por cristãos. Artistas com a mente renovada e o coração em Deus que inspirem através da excelência de seu trabalho (seja visível a todos ou em casa).

Esse texto, apesar da ênfase em diversos pontos, tem a intenção de evidenciar a importância do ser humano como ser redimido por Cristo EM TODAS AS ÁREAS DA

VIDA - TODAS! E, por isso, por este mesmo fato de ser ele nova criatura, é que está apto a criar, imaginar, trabalhar, dialogar, e influenciar um mundo velho, em ruínas. Precisamos restaurar o significado de nossas ações e esforços e mostrar a diferença que as Escrituras fazem em todas as áreas do nosso viver, contrastando com o mundo onde *“a televisão mostra que o consumismo, a violência, o sexo, o entretenimento e o escapismo fáceis, em um mundo totalmente secularizado, são as únicas realidades que sobraram”* - o que evidencia o quanto o mundo está desviado de um fundamento aceitável. Portanto, *“pranteiem, orem, pensem e trabalhem!”*,⁴³ façam o melhor onde estiverem, dediquem-se em suas profissões, em suas vidas devocionais, nas disciplinas espirituais, cientes de que Deus ainda não terminou a obra que em nós tem feito, e que, mesmo assim, usará esta mesma obra inacabada como meio para glorificá-lo e falar a um mundo néscio.

⁴⁰ GONZÁLEZ, Justo. *A Era dos Mártires* (São Paulo. Vida Nova, 1995), p. 15.

⁴¹ SCHAEFFER, Francis. *A Arte e a Bíblia* (Viçosa, MG. Ultimato: 2010), p. 34.

⁴² *Ibidem*, p. 37.

⁴³ *Ibidem*, p. 30.

O cristianismo e as ideologias - Parte II: a nova esquerda



Frederico Bragança é professor de Língua Inglesa no Watford Natal e de Teoria e Prática do Estudo Bíblico no Instituto de Educação e Cultura. Bacharel em Relações Internacionais pela Universidade Potiguar e pós-graduando em Docência do Ensino Superior e Teologia na Universidade Cândido Mendes. Serve na Igreja como professor da Escola Bíblica da Congregação Presbiteriana do Alto da Candelária, em Natal (RN). Casado.

A medida que as proposições da esquerda histórica também se mostram falhas como frutos podres de uma árvore envenenada e a ideologia perde força de convencimento, a esquerda se reinventa. Os termos e pautas desgastados são adaptados, substituídos ou reutilizados de acordo com a conveniência do momento. É por isso que a esquerda pode ser vista como um amplo leque de pautas ideológicas no qual, além da suposta luta pela classe operária, foram abarcados ao longo do século XX até hoje os movimentos feministas, africanistas, LGBTQ+ etc. O termo da moda para definir os

esquerdistas hodiernos é o inspirador “progressista”, que mais do que as batidas pautas socioeconômicas, evoca a militância por “direitos” ou mudanças de paradigmas relacionados às minorias representativas e grupos identitários. Será que isto é por acaso? Não. A esquerda é intrinsecamente “*inventora de males*” (Romanos 1.30).

No século XX, conforme os desastres das políticas socialistas se desvendavam aos olhos do mundo, pensadores como Antonio Gramsci (1891-1937), Max Horkheimer (1895-1973) e Herbert Marcuse (1898-1979), três mentes diabólicas à serviço do humanismo, repensaram e reinventaram a esquerda. O

primeiro percebeu que o proletariado não alcançaria uma revolução bem-sucedida, muito menos à força. Gramsci então desenvolveu o conceito de “*hegemonia cultural*” e defendia que a implantação do comunismo deveria acontecer através da mente das pessoas. De modo resumido, o *gramscismo* tratava-se de mudar o pensamento da sociedade através da academia, da mídia, das artes, da literatura etc., de modo que seria impossível resistir ao socialismo, uma vez que todos o aceitariam culturalmente. Horkheimer e Marcuse, por sua vez, foram os principais teóricos da Escola de Frankfurt, de onde nasceu o marxismo cultural. Marcuse, inclusive é chamado de “*pai da*

nova esquerda”.⁴⁴ Em consonância com o *gramscismo*, esta nova corrente de pensamento revolucionário buscava substituir a velha retórica da classe operária explorada pela elite burguesa por outros “*oprimidos*” e “*opressores*”. O antigo operário explorado pelo patrão deu lugar à mulher submissa ao marido e ao patriarcado. Ao negro ou ao indígena segregado pelos brancos. Aos muçulmanos perseguidos pelos cristãos. Aos gays perseguidos pelos heterossexuais. Ser um homem cristão, branco e heterossexual virou tudo o que deveria ser odiado pelo militante ou simpatizante da nova esquerda, não importando se de fato, este homem seria machista, racista, intolerante ou homofóbico. A narrativa é sempre mais importante para a esquerda do que os fatos.⁴⁵

A mesma metodologia de engenharia social se aplica

também a outro braço do humanismo. Examinemos brevemente alguns exemplos notórios:

a) O ativismo ambiental (leia-se *ecossocialismo*), uma mistura de neopaganismo e estatolatria.⁴⁶ Que ninguém se engane: por trás da bela e heroica imagem de luta pela preservação da natureza, esconde-se a subserviência aos mais perversos objetivos políticos e mazelas espirituais, que vão desde uma deturpação da dieta humana até o panteísmo (Cf. Romanos 1.23).⁴⁷

b) O movimento *Black Lives Matter* (Vidas Negras Importam, em tradução livre), o qual voltou aos holofotes recentemente e que ganhou apoio até de cristãos ingênuos ou confusos (incluindo celebridades diversas), são um bom exemplo de marxismo cultural na prática. Embora opor-se ao racismo seja

legítimo e necessário, o movimento, além de depositar sua esperança de mudança social em ações meramente políticas (cf. Jeremias 17.5; Salmos 146.3) também apoia a legalização do aborto⁴⁸ e as pautas LGBTQ+.⁴⁹ Além de rejeitarem a verdade que apenas Cristo é a solução para o racismo (cf. Gálatas 3.28; Tiago 2.8-9), aquiescem a outros tipos de rebeldia contra Deus (Cf. Êxodo 20.13; Romanos 1.32), a qual se manifesta, inclusive, em ataques a igrejas e seus membros.⁵⁰

c) O *feminismo*, que independentemente de suas diferentes ondas e influências ao longo da história, sempre foi uma rebeldia contra a concepção bíblica da mulher na sociedade, é outra salutar ilustração de como negar que apenas Cristo é resposta para as tensões entre homem e mulher na sociedade (Cf. Gênesis 2.18; Efésios 5.22-

⁴⁴ ROTHMAN, Stanley. *The End of the Experiment: The Rise of the Cultural Elites and the Decline of America's Civic Culture*. Routledge, New York, 2016.

⁴⁵ LIND, Willian S. *What is Cultural Marxism? Maryland Thursday Meeting*. Disponível em <<http://www.marylandthursdaymeeting.com/Archives/SpecialWebDocuments/Cultural.Marxism.htm>> Acesso em 12 de out. de 2020.

⁴⁶ ROCKWELL, Lew. *As Raízes Anti-Humanas do Movimento Ambientalista*. 04 de maio de 2010. Disponível em <[https://www.mises.org.br/article/676/as-raizes-anti-humanas-do-](https://www.mises.org.br/article/676/as-raizes-anti-humanas-do-movimento-ambientalista)

movimento-ambientalista> Acesso em 12 de out. de 2020.

⁴⁷ LÖWY, Michael. *O que é o Ecossocialismo*, por Michael Löwy. Esquerda, 9 de fev. de 2019. Disponível em <<https://www.esquerda.net/artigo/o-que-e-o-ecossocialismo-por-michael-lowy-1/59573>> Acesso em 12 de out. de 2020.

⁴⁸ ELIGON John. *When 'Black Lives Matter' Is Invoked in the Abortion Debate*. 06 de jul. de 2019. Disponível em <<https://www.nytimes.com/2019/07/06/us/black-abortion-missouri.html>> Acesso em 12 de out. 2020.

⁴⁹ LA BOTZ, Dan. *O movimento "Black Lives Matter" organiza-se e procura*

definir-se politicamente. Carta Maior, 31 de maio de 2020. Disponível em <<https://www.cartamaior.com.br/?/Editoria/Antifascismo/O-movimento-Black-Lives-Matter-organiza-se-e-procura-definir-se-politicamente/47/47651>> Acesso em 12 de out. de 2020.

⁵⁰ RICHARDSON, Valerie. *'No place for God': Left-wing protesters turn focus to churches as vandalism, arson escalate*. Disponível em <<https://www.washingtontimes.com/news/2020/jul/15/black-lives-matter-protesters-turn-rage-churches-r/>> Acesso em 12 de out. de 2020.

33).⁵¹ Nem é preciso mencionar que uma de suas principais bandeiras, o direito de assassinar seres humanos em formação no ventre, remonta ao culto a Moloque e outras divindades pagãs que requeriam o sacrifício de crianças (Cf Levítico 18.21). A única diferença é que o deus destas ativistas é seu próprio egoísmo. Vale ressaltar a participação de vários homens neste reavivamento pagão, seja pela covardia de serem pais ou mesmo pelo ativismo emasculado de quem considera o infanticídio intrauterino algo a ser respeitado ou apoiado (Cf Romanos 1.32).

Por fim, a esquerda política, além de ser, desde o século XIX, a mais extrema personificação da idolatria e rebeldia contra Deus, empreende uma perfeita cartilha de desobediência ativa aos dez mandamentos (Êxodo 20.3-17):

01. Tem a ideologia como deus;

02. Busca anular o modo prescrito de adorar ao único Deus vivo e verdadeiro erigindo ídolos em seu lugar;

03. Toma o nome de Deus em vão, o significado de seus estatutos ou Lhe escarnecendo;

04. Não deposita sua confiança no descanso eterno prometido por Deus a Seu povo;

05. Subverte toda ordem de submissão e honra a autoridades familiares, eclesiásticas e civis personificadas no mandamento por “pai” e “mãe”;

06. É o tipo de pensamento que político que mais matou e continuar a matar em todo o mundo, inclusive vidas intrauterinas;

07. Promove todo tipo de relação sexual biblicamente ilícita, a saber, fornicação, adultério, homossexualismo e até pedofilia;

08. Os fundamentos do pensamento político à esquerda têm a ver com a expropriação de bens particulares;

09. A mentira é a principal arma da esquerda, uma vez que tudo é válido para sustentar as narrativas e a engenharia social que levam à busca e à aceitação do socialismo, não obstante os fatos;

10. A cobiça e a falta de confiança na providência de Deus estão por trás não apenas

das justificativas, mas de todo o projeto de poder socialista.

E não sejamos ingênuos à ponto de acreditar que a esquerda política quer fornecer ao mundo apenas uma cosmovisão alternativa e romanticamente rebelde. Eles não querem ser apenas deixados em paz em sua desobediência ao padrão moral que nos foi dado por Deus. A esquerda pressupõe silenciar e destruir quaisquer opositores e críticos. Embora apregoem “tolerância”, os esquerdistas destilam intolerância desde os jacobinas até à *New Left*. O próprio Marcuse, em *Repressive Tolerance* assume:

“A tolerância estende-se a políticas, condições e modos de comportamento que não deveriam ser toleradas porque elas estão impedindo, se não destruindo as chances de criar uma existência sem medo é miséria. Esta sorte de tolerância fortalece a tirania da maioria contra o que os autênticos liberais protestaram [...] Tolerância libertadora, então, significaria intolerância contra movimentos da Direita e tolerância de movimentos da Esquerda.”⁵²

Certamente, os justiceiros sociais (leia-se *idiotas úteis*) que compõem as inúmeras e multifacetadas fileiras da militância esquerdista

⁵¹ CLARK, Kristen. *Why Feminism and Christianity Can't Mix. GirlDefined*. Disponível em <<http://www.girldefined.com/femini>

sm-christianity-cant-mix > Acesso em 12 de out. de 2020.

⁵² WOLFF, Robert Paul. MOORE JR. Barrington. MARCUSE, Herbert. *A*

Critique of Pure Tolerance, Beacon Press, 1969, p.82, 109.

ignoram a maior parte do que os teóricos que os manipulam realmente postulavam. Mas, nós, cristãos, deveríamos sabê-lo. Que Deus nos livre de imaginar, por um segundo, que a esquerda possui alguma consonância com a doutrina que recebemos através das Escrituras.

**Que Deus
nos livre de
imaginar,
por um
segundo,
que a
esquerda
possui
alguma
consonância
com a
doutrina
que
recebemos
através das
Escrituras.**

Sic Mundus Creatus Est [Apêndice]



Sthamer Mendes de Sousa, 26 anos, é membro da Primeira Igreja Presbiteriana de Barretos-SP, licenciado em Ciências Biológicas, pelo IFSP - campus Barretos-SP. Seminarista no Seminário Teológico Presbiteriano Reverendo José Manoel da Conceição (Seminário JMC).

Olá, meus queridos! A Paz!

Como eu havia dito a vocês, da última vez, vamos encerrar, neste artigo, definitivamente, a nossa sequência sobre a origem da vida: “*Sic Mundus Creatus Est*”. Achei melhor deixarmos por último a impressão de cada visão sobre o ser humano e sua origem. Podem considerar um certo “*capricho pedagógico*”, pois, na realidade, esse não é um assunto separado de cada teoria, mas, sim, parte de cada uma delas.

Porém, devo admitir que algumas das visões não têm uma visão muito bíblica, ou resposta correta para esta questão da origem do homem, inclusive, algumas caem em heresias. Por isso, para prevenir uma má impressão,

deixei esse assunto da humanidade, para o final.

Sabemos o quanto a primeira impressão é importante, e como o ser humano gosta de estar em alta conta em relação ao resto da Criação, e de certa forma está, deixei esse “*elefante branco na sala*” para ser tratado posteriormente, afinal, o antropocentrismo é algo intrínseco à nossa sociedade, de maneira que, em muitas vezes nos esquecemos do quanto somos limitados, falhos, miseráveis, pobres, cegos e nus... ou, pior, usamos esses “adjetivos” para referirmo-nos a nós mesmos, promovendo uma espécie de autoflagelo moral, que muitas vezes nada mais é do que um orgulho espiritual disfarçado, que, mais uma vez, nos coloca no centro. Mas, deixemos esse assunto por hora para os filósofos, pastores, e demais redatores da revista - foquemos em nosso objetivo

Um último recado é: que, diferentemente das Escrituras Sagradas, onde toda ela deve ser obedecida como verdade, embora ainda possamos ter divergências quanto alguns pontos que não nos levam a heresia, e são até certo ponto de “livre interpretação”, uma teoria científica, baseada em eventos (espero que se recordem da definição de teoria científica que tratamos) pode ser adotada em partes, anexada a outras, de modo que se pode criar até mesmo uma nova teoria com isso.

Na realidade, desde sempre a ciência tem sido feita assim. Vimos o modelo atômico evoluir de uma ideia de “pudim de passas” até o modelo de Rutherford-Bohr, sempre se aproximando dos modelos passados e, como diz uma famosa frase aclamada por posse de diversos pesquisadores, “*se vi mais longe, foi por estar sobre os*

ombros de gigantes”. O que quero dizer com isso é: temos total liberdade de adotar conceitos de *terra antiga e jovem*, de *criacionismo evolucionário* e *design inteligente*, de crer em um Gênesis literal para criação do homem, como também podemos crer que a terra possui milhões de anos. Isso nos é permitido, porque as Escrituras não existem para satisfazer nossa curiosidade intelectual, mas para nos revelar a grandeza e soberania do Criador. Contanto que não tenhamos um pensamento dúbio, crendo em duas facetas diferentes (como ser feminista e cristã, astrólogo e cristão, amar a Deus e ao dinheiro), temos a liberdade de anexar pontos de teorias e extrapolações diferentes, para termos uma linha de raciocínio concreta e eficaz. Isso é útil, para nossa apologética, para expor o Evangelho aos famintos do mesmo, para aqueles que se consideram sábios, mas na verdade são loucos, pois a sabedoria do mundo é loucura para o Senhor (1 Coríntios 3:19). Sem mais avisos, seguimos a esse breve apêndice, sobre o que cada visão enxerga no que se refere à criação do homem:

Terra Jovem: tendo em vista a literalidade praticamente total de tudo o que vemos nesta visão, que segue uma grande vertente dos cristãos, ainda que os mesmos não saibam, também creem que o homem foi criado conforme citado: do

pó da terra, pelas mãos do Deus Triúno, *que vive pelos séculos dos séculos e reina sobre todas as coisas. Amém.* Como é isso que está escrito no texto, até mesmo eu, um dos que não são simpatizantes dessa teoria, em parte pela minha formação, em parte por suas limitações, apoio também essa visão: Deus fez o homem do pó da terra!

Terra Antiga: não se gasta muito tempo ou linhas, para discorrer sobre o assunto do homem, nesta visão. Porém, tendo em vista sua proximidade com a teoria anterior, e as divergências gritantes quanto à visão sobre a origem do homem do *criacionismo evolucionário*, é bem verdade que a teoria da terra antiga crê mais em uma “criação literal do homem”, que as visões “liberais” posteriores.

Criacionismo Evolucionário: o viés levantado sobre essa visão, em relação à criação do homem, decepcionou a mim mesmo, que vos escrevo. O criacionismo evolucionário, na maioria de seus adeptos, defende que Deus criou o homem a partir de algum outro ser primitivo, assim como os demais animais da criação ou, ainda, que o primeiro Adão não era o único homem, mas sim um homem separado, diferente dos demais que já existiam pelo mundo. Isso realmente resolve a questão do pool gênico e origem do homem, porém,

levanta questões muito complexas, sobre o pecado original e sobre a soberania de Deus, colocando sua própria palavra em choque. Eu, particularmente, não vejo esse caminho como algo bíblico, e mesmo que toda essa visão seja realmente convincente quanto à criação no geral, quanto ao que se refere à origem do homem, tende a ser um ponto decepcionante. Glória a Deus, por ser apenas mais uma visão, podendo ser recebida de bom grado, em anexo às demais, como já dito anteriormente.

Design Inteligente: como é uma teoria composta em sua maioria por adeptos que são tanto ateus, como gnósticos, religiosos de diversos tipos e até mesmo cristãos, tendo sido elaborada primeiramente por eles, possui adeptos da criação do homem semelhante ao criacionismo evolucionário, bem como da terra antiga e da terra jovem. É um “tema livre” dentro da “cosmovisão” do *design inteligente*.

Com esses últimos parágrafos, depois de alguns meses, declaro encerrada essa temporada de artigos. Porém, creio que sempre algumas pontas permanecerão soltas, bem como a curiosidade, da parte dos leitores, foi nada mais que atizada - muitos realmente passarão a buscar um aprofundamento no assunto. Há assuntos que foram citados, que creio que podem ter despertado curiosidade.

Quero dizer-lhes que fico à disposição para responder essas perguntas. Me encontro disposto a esclarecer qualquer dúvida, não via debates os quais não acrescentam nada para a propagação do Evangelho, ou divagações pessoais que só servem para a autoprocamação. Porém, se algum irmão quiser esclarecer alguma dúvida, saber sobre algo relacionado ao que vimos durante esses meses, me encontro disposto a ajudar os irmãos. Deus abençoe a Todos!

A Religião do Consumo: aspectos psicológicos do comportamento consumista



Natanael Pedro Castoldi é psicólogo clínico graduado pela Universidade do Vale do Taquari - UNIVATES. Possui formação teológica básica pelo Projeto ATOS, Janz Team Gramado, onde compõe a assembleia da missão do TeachBeyond Brasil. Tem experiência em pesquisa nas áreas de Ensino e Aprendizagem pela UNIVATES, na qual tem atuado como monitor de alunos com necessidades especiais. Serve no ministério de jovens da igreja Comunidade Cristã de Encantado, em Encantado - RS. Casado com Gabrielle.

Costuma-se ouvir falar muito a respeito do consumismo de nosso tempo, dos danos que esse comportamento causa nos âmbitos social, psicológico e ambiental, assim como de suas raízes e razões de ser. Comumente se associa o impulso consumista ao apelo das propagandas e das narrativas, cogitando que cores, imagens e promessas atijam nossos apetites mais elementares e nos levam a um comportamento viciado de acúmulo. Em geral, se interpreta nossa cultura consumista de uma perspectiva materialista, pensando em termos da causalidade histórica, sobretudo a partir de um uso muito equivocado e parcial da obra de Max Weber (2013): supostamente, se somos

consumistas hoje, isso se deveria à índole dos países protestantes, que vislumbrou honra em todo o trabalho e considerou a produtividade um modo de glorificar a Deus, somando-a a uma postura quase ascética de baixo consumo e a um consequente acúmulo de capital — isso gerou, conforme diz Bastide (2006), a necessidade de os países do Hemisfério Norte, superprodutivos, mas pouco consumistas, abrirem mercados consumidores em nações latinas ao Sul, até que, no longo prazo, os próprios hábitos dos puritanos norte-americanos e dos demais protestantes europeus foram se modificando para uma equilíbrio entre produção e consumo de riquezas. O quanto essa análise e seus desdobramentos condiz com a

inteireza do que teorizou e observou Weber não cabe nessa coluna, mas é válido apontarmos para esse entendimento ordinário com a finalidade de contrastá-lo com uma outra perspectiva, de ordem um tanto quanto perene, porque alicerçada em demandas psicológicas e espirituais universais e atemporais, e não meramente na contingência dos tempos.

Desde os inícios do pensamento filosófico, foi dado nome ao fenômeno indubitável da existência de certas imagens primordiais, que habitam a psique humana onde quer que existam homens e que dizem respeito a necessidades psicológicas e cognitivas básicas. Platão chamou-as de “Formas Elementares” (SCHAEFFER, 2014). No

Século XIX, Adolf Bastian (RANK, 2015) a reformulou dentro do conceito de “Pensamentos Elementares”, propondo explicar a universalidade de certos mitos a partir de uma disposição uniforme do espírito humano. Posteriormente, já no Século XX, Carl Jung renomeou a ideia, dotando-a de seu título definitivo e mais conhecido: a Teoria dos Arquétipos, partícipe daquilo que ele chamou de “*inconsciente coletivo*” (HALL; NORDBY, 2014). Enquanto o chamado “inconsciente pessoal” é composto de conteúdos que em algum momento passaram pela consciência do indivíduo a partir de suas experiências pessoais, aquilo que pertence ao inconsciente coletivo está no indivíduo, mas não foi originado em sua experiência — é herança filogenética. Gilbert Durand (2012), nessa linha, observou que crianças sonham com animais que jamais viram, mas cuja forma e significado estão condensados na profundidade de sua psique como herança da espécie — os chamados símbolos teriomórficos, ou animais, estão entre as matrizes de significado mais básicas da mente humana. E quando falamos dessas imagens herdadas, ou primordiais, estamos falando dos arquétipos, que são propriamente os modelos originais ou os protótipos daquelas experiências universais, que todos os seres humanos experimentam e que

se consolidam no imaginário em estruturas pré-verbais: o nascimento, o renascimento, a morte, o poder, a magia, o herói, a criança, o charlatão, Deus, o demônio, o sábio, a mãe... Noutros termos: uma vez que não somos meramente biológicos e instintivos, certas necessidades viscerais do self estão sintetizadas em imagens norteadoras e apelativas.

Conforme Edward Edinger (2006) notou, essas imagens primordiais representam aspectos ou necessidades objetivas da psique e por isso buscam se atualizar em nossa experiência consciente com alguma frequência, invadindo nossos sonhos, dos quais nos lembramos quando acordamos, ou encontrando identificações externas que lhes sejam analógicas. De fato, uma das necessidades mais básicas da psique é a materialização ou satisfação concreta dos seus apelos abstratos ou imaginários, visto que nossa sobrevivência biológica pede pela adaptação ao meio e que a nossa sobrevivência psicológica reclama conexão e coerência com o ambiente. A mãe biológica é a primeira e mais intensa materialização do seu arquétipo correspondente, a Mãe, mas na medida em que nos afastamos da figura materna, o arquétipo buscará atualizações, podendo identificá-la na Terra, na Pátria ou na Empresa. O avô, que Perry Garfinkel (1988) vê como o primeiro mentor do

menino (já que o menino está em conflito edipiano com o pai), geralmente é a primeira encarnação do Ancião, ou do Velho Sábio, e tenderá a ser substituído, quando o desgaste de sua presença não suportar mais o arquétipo, por todo o tipo de “guru”, incluindo figuras públicas. Em resumo: ordenamos nosso self ao identificarmos suas solicitações interiores com objetos significativos, que prometam saciar seus apetites e amadurecê-los.

Segundo Margaret Mark e Carol S. Pearson (2021), o apelo arquetípico também determina o sucesso de produtos culturais e mercadológicos. Os filmes que nos prendem são aqueles que dão materialidade, ou que realizam objetivamente arquétipos determinados, atualizando-os em nossa psique e saciando seus apelos: *Forrest Gump* (1994), *Coração Valente* (1995) e *Titanic* (1997) apontam para a profundidade de nosso ser, apresentando formas para sentimentos e necessidades arquetípicas relativas, respectivamente, ao Tolo Sábio, ao Herói Triunfante e ao Amante Transformador. Histórias reais, disseminadas nos noticiários, nos magnetizam quando podem canalizar em si esquemas narrativos de qualidade universal: os norte-americanos foram hipnotizados pelo julgamento de O.J. Simpson, pois este encarnou Otelo; a vida da

princesa Diana foi lida nos moldes da Cinderela; o caso do menino cubano Elián González cativou o mundo quando viram nele um pequeno Moisés; a morte de J.J. Kennedy prende-nos até hoje por seu teor de martírio. Mesmo produtos do uso mais rotineiro e banal, como um sabonete, podem vender-se pelo significado, como a marca citada pelas autoras, Ivory, que superou a concorrência quando conectou-se aos símbolos do renascimento e da purificação pela água pura. Eis o detalhe: num mundo de livre mercado, com um congestionamento cada vez maior de marcas concorrentes em cada área, tende a ser escolhido o produto que carregue algum tipo de diferencial e, em geral, esse diferencial reside no significado que ele apresenta.

Para exemplificar o apontado acima e contrastar com o sucesso da marca Ivory, Mark e Pearson observam dois estudos de caso. O primeiro é a marca Levi's, que deixou de ser gigantesca, renomada e diferenciada sobretudo em função de uma perda em seu ativo arquetípico e simbólico: diferentes abordagens propagandísticas fizeram a Levi's oscilar exaustivamente entre diversos apelos, ora encarnando o arquétipo do Explorador, ora perfazendo o Cara Comum, ou o Fora-da-Lei, ou o Herói, ou o Bobo da Corte, ou um retalho misto e confuso deles todos. O segundo

é sobre a Nike, que perdeu algo de sua autoridade e do poder simbólico do produto quando demonstrou-se insegura em sua tradicional imagem heroica e, ao invés de se renovar pensando nas etapas da Jornada do Herói, preferiu mudar de significado. A ideia é muito simples: o diferencial está no fornecimento inequívoco de um significado arquetípico, que atraia as atenções daqueles que estão sedentos dele ou que identificam-se pessoalmente com o arquétipo em questão. Confusão simbólica, nesse caso, só gera desinteresse, pois anula o diferencial.

Ao que parece, se partirmos dessa vereda, as pessoas se tornam consumistas, dentre outros fatores, em função de uma sede de sentido, de significado, e da imperiosa determinação de dar materialidade e concretude para suas necessidades psicológicas e espirituais basilares. O impulso de dar materialidade, criar analogia para “metabolizar” difusas demandas interiores, é a verdadeira marca do ritual e ocorre sob sua sombra. Nesse aspecto, o comportamento consumista possui um viés ritualístico, embalado pela encarnação do Mito: o Tempo Forte (a Forma) mergulha no Tempo Profano (a vida comum) quando compramos aquilo que nos promete plenitude. O prazer catártico da compra é momentâneo, mas suficientemente forte para

pedir por repetição. E a repetição é outra característica do ritual. Não é sem razão que o shopping center possui muitas das características do Templo: dentro dele há uma sensação de que o tempo cronológico está confuso ou parado, pois tudo ali é artificial — a luz, a ventilação e as estruturas -, o isolamento completo do ambiente exterior anula as diferenças entre dia e noite, e a limpeza ou a polidez das superfícies dá uma sensação de perenidade e da ausência de perturbação humana, bem nos termos que Josef Pieper (2020) usa para falar do Templo, do Espaço e do Tempo sagrados. O ato de comprar é, pois, como um ritual no templo: a oferta é o dinheiro, a “bênção” é o significado imbuído no produto e o deus é Mammon.

Filhos do espírito indoeuropeu, nossa história caminha dentro do revezamento dos Três Poderes: Religioso, Militar e Comercial. Campbell (2014) nota que a ênfase de cada período histórico aparece em concreto nos seus edifícios mais altos: no governo espiritual e político dos sacerdotes, com seus tronos, temos gigantescas catedrais; no governo marcial e secular dos líderes militares, que são monarcas, temos gigantescos castelos e palácios; no governo dos burgueses, dos comerciantes, vemos a elevação de prédios comerciais, de bancos e de escritórios. No primeiro momento, a Igreja

condensa em si o grosso das necessidades arquetípicas: apresenta-se como Igreja Militante, das ordens de cavalaria, e também como aquela que cuida, que cura, que vai aos confins do mundo; no segundo momento, o Estado se vende como supridor prioritário de todas essas necessidades, traduzindo os rituais litúrgicos e cristãos em religião cívica; no terceiro momento, o Mercado aparece como o fornecedor majoritário do sentido, mas, por sua própria natureza, ele o troca por dinheiro e o distribui em produtos. Hoje, obviamente, vivemos no contexto da supremacia do Mercado, embora não seja o Mercado sozinho o responsável pelas circunstâncias atuais.

Peter Berger (2004) avaliou que numa sociedade pluralista, ou seja, que já não mais possui unidade cultural, espiritual e de significado, rituais religiosos de ordem coletiva não possuem efeitos suficientemente abrangentes para suprir as demandas gerais. O meu vizinho provavelmente possui crenças religiosas, valores e interesses muito diferentes dos meus, já que não pertencemos, ao fim e ao cabo, à mesma comunidade e nossos destinos não estão entrelaçados — não há mais a necessidade de sermos totalmente inteligíveis um para o outro, pois minha sobrevivência não depende mais da sobrevivência dele. É claro que essa realidade deve

muito à tecnologia, que abre o mundo inteiro para qualquer pessoa, mas não devemos ignorar que antes desse absurdo progresso tecnológico houve uma transformação intelectual e espiritual na mentalidade ocidental, tornada iluminista e feita promotora de uma fragmentação generalizada na unidade espiritual da sociedade e de uma atomização crescente do indivíduo. Similarmente à perda de apelo social das religiões tradicionais e, no nosso caso, do cristianismo, de maneira que a fé fundadora e majoritária já não mais consegue satisfazer as demandas arquetípicas dos indivíduos, há uma diminuição dramática do apelo patriótico dos símbolos nacionais e, por conseguinte, nenhuma religião civil está conseguindo compensar e substituir a religião cívica, ou tradicional. Sobre, portanto, a vereda mercantil: os apetites do self não deixam de existir com a perda de seus objetos tradicionais e a demanda ritualística para a obtenção ou atualização do significado irá procurar pelos meios disponíveis e socialmente legítimos, ou mais autoritativos, para saciar-se. O consumismo aparece aqui como uma nova religião, que não é religião cívica e nem religião civil, mas religião mercadológica, e sua generalização enquanto *modus operandi* habitual do homem contemporâneo decorre muito mais de seu papel religioso, que

aumenta na medida em que se diminui a legitimidade de seus predecessores, do que de meras contingências históricas.

Uma vez que, pluralistas, não podemos encontrar unidades narrativas e rituais para atribuir sentido individual aos membros de uma comunidade coesa, pois esta também não existe mais, a religião do consumo é uma vereda “perfeita”, pois fundamentalmente narcisista: a perda da unidade espiritual e cultural demanda uma prática religiosa que possa ser processada pelo consumidor solitário, ou por um grupo tribal de consumidores, donde o crescente tribalismo de nosso tempo, conforme Maffesoli (2006). Eis o que é a definição do próprio progressismo marxiano vigente: ele é afetivo e identitário.

Com o iluminismo, tivemos o que Becker (1995) chamou de emergência do “*Homem Psicológico*”: desprovido de crenças comuns e de ordem coletiva, este homem isolado busca satisfazer-se em si mesmo. Noutros termos: desconectado do mundo exterior no sentido de não mais se identificar com o significado compartilhado pela comunidade, ele procurará sentido em sua própria biografia, ou no seu inconsciente, e reproduzirá a partir de si mesmo um modelo de cosmologia. Se busca se entender, ele naturalmente procurará por autoaceitação e

entenderá que seus sofrimentos e suas dificuldades decorrem da má influência das figuras parentais e da sociedade ao redor, repressora e opressora — o Superego será “castrador” por excelência. Assim, o Homem Psicológico se afirma pela negação da ou pela polarização com a comunidade, com o mundo ao redor, e procura dentro de si a legitimidade de um “eu” realmente “livre”, pois anterior às “imposições” sociais. Temos aqui uma penetração da filosofia do liberalismo econômico para dentro da esfera moral: o indivíduo, para ser livre, clama ser autêntico e, para ser autêntico, precisa ver a si mesmo como visceralmente autônomo, como um tipo de Prometeu, capaz de construir-se a si mesmo. Por isso esse movimento é, a partir de Eva Ilouz (2011), chamado de Liberalismo Terapêutico, fundamento da Revolução Afetiva. Se as instituições sociais, produtos da cultura, são lidas como imposições racionais por sobre a fluidez “edênica” do self inchado da criança ingênua, o apelo insta em guiar-se pelos afetos, pelos desejos, e afirmar a própria identidade dentro do paradigma expressionista: devo construir-me, ou descobrir-me, e demandando o direito de expressar com total liberdade quem sou. Mark Lilla (2018), em sua lucidez, percebeu que o progressismo, ou a esquerda norteamericana, tornou-se algo

eminentemente identitário. No nosso contexto hipermoderno e no cenário secularizado da praça pública, não há expressão afetiva e identitária desprovida da aquisição e da ostentação de bens, de marcas, de produtos impregnados de significado e voltados para os apelos das diversas minorias. A verdade é que a esquerda contemporânea é o próprio capitalismo, é a expressão mais atualizada da índole liberal, e precisa prestar seu culto e materializar sua demanda arquetípica pelo consumo de objetos significativos.

Mas, há uma alternativa. Seguindo a lógica desenvolvida até aqui, uma vez que a vereda consumista está sobrecarregada de impulsos religiosos, de necessidade de sentido, de comportamento ritual, e que ela se fortalece na medida em que os caminhos anteriores, da religião tradicional e do apelo cívico, perdem autoridade e relevância geral, podemos concluir que a compulsão de consumo diminui se encontrarmos objetos satisfatórios fora do shopping center. O Sábio pode ser encontrado em tua comunidade, em carne e osso, sentado na calçada, e não necessariamente em livros vendidos na *Amazon*. O Prestativo, aquele que Cuida, existe fora de seu computador pessoal, não precisa ser achado na *Microsoft*, que se vende nesses termos — procure-o na Literatura Universal, o

encontre no abraço daquela senhora que cuida do jardim todo o fim de tarde. A verdade é que existem e estão disponíveis experiências gratuitas dispostas a suprir quase todas as demandas mais básicas de teu self — nem tudo precisa do sacrifício de teu dinheiro no altar do consumo, nem tudo o que é significativo aparece em produtos acumuláveis e descartáveis. Estar bem engajado e envolvido com tua comunidade local, em contato com pessoas e participando de eventos que as reúnem, inserir-se ativamente em tua comunidade religiosa, buscar referências nas Escrituras e noutras fontes atemporais de significado, dar unidade às ações conectando-as a um sentido transcendental, enraizado em Deus, que também existe em nós enquanto demanda arquetípica... tudo isso, te nutrindo ricamente, diminuirá muito o desejo de comprar e consumir. Experimente!

“Ora, quando vos reunis, cada um de vós tem um salmo, ou uma mensagem de ensino, uma revelação, ou ainda uma palavra em determinada língua e outro tem a interpretação dessa língua. Tudo seja feito para a edificação da Igreja.” (1 Coríntios 14:26)

Referências bibliográficas

BASTIDE, Roger. O Sagrado Selvagem. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

BECKER, Ernest. A Negação da Morte. Rio de Janeiro: Editora Record, 1995.

BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. Modernidade, Pluralismo e Crise de Sentido. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

CAMPBELL, Joseph; MOYERS, Bill. O Poder do Mito. São Paulo: Palas Athena, 2014.

DURAND, Gilbert. As Estruturas Antropológicas do Imaginário. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

EDINGER, Edward F. Anatomia da Psique. São Paulo: Cultrix, 2006.

GARFINKEL, Perry. No Mundo dos Homens. São Paulo: Melhoramentos, 1988.

HALL, Calvin S.; NORDBY, Vernon J. Introdução à Psicologia Junguiana. São Paulo: Cultrix, 2014.

ILLOUZ, Eva. O Amor nos Tempos do Capitalismo. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

LILLA, Mark. O Progressista de Ontem e o do Amanhã. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

MAFFESOLI, Michel. O Tempo das Tribos. Rio de

Janeiro: Forense Universitária, 2006.

MARK, Margaret; PEARSON, Carol S. O Herói e o Fora-da-Lei. São Paulo: Cultrix, 2021.

PIEPER, Josef. Ócio e Contemplação. Campinas, SP: Kírion, 2020.

RANK, Otto. O Mito do Nascimento do Herói. São Paulo: Cinebook, 2015.

SCHAEFFER, Francis. A Morte da Razão. Viçosa, MG: Ultimato, 2014.

WEBER, Max. A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo. São Paulo: Martin Claret, 2013.